

A Rota Romântica e o Bicentenário da Imigração Alemã



FELIPE KUHN BRAUN / ASSOCIAÇÃO ROTA ROMÂNTICA





P. Duarte
Box 24

Felipe Kuhn Braun
Associação Rota Romântica (org.)

A Rota Romântica e o Bicentenário da Imigração Alemã

1ª edição

Z Multi Editora

Estância Velha, RS

2024

A Rota Romântica e o Bicentenário da Imigração Alemã

Autor: Felipe Kuhn Braun

Organização: Associação Rota Romântica (ARR)

Fotos: Acervo Felipe Kuhn Braun, Prefeituras, Sicredi Pioneira e Associação Rota Romântica

Revisão final e coordenação editorial: Sandra Hess

Capa: Cleber Zanovello Dariva

Diagramação e Design gráfico: Cleber Zanovello Dariva

Arte em aquarela: Rodrigo Duarte

Impressão: Gráfica Pallotti

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

B825r

Braun, Felipe Kuhn

A Rota Romântica e o Bicentenário da Imigração Alemã / Felipe Kuhn Braun; organização: Associação Rota Romântica; prefácio: Daniel José Hillebrand e Rafael Koerig Gessinger; apresentação: Terezinha Marina Kuhn Haas. – Estância Velha: Z Multi Editora, 2024.

160 p.: il.; 225 x 325cm.

ISBN 978-65-5243-018-2

1. Rota Romântica (RS). 2. Turismo – Rio Grande do Sul. 3. Imigração alemã. I. Título. II. Associação Rota Romântica. III. Hillebrand, Daniel José. IV. Gessinger, Rafael Koerig. V. Haas, Terezinha Marina Kuhn.

CDU 338.48(816.5)

Bibliotecária responsável: Maria do Carmo Mitchell Neis – CRB 10/1309



Associação Rota Romântica

Avenida 15 de Novembro, 100,
Centro – Nova Petrópolis/RS
Cep: 95150-000 - (54) 3281.4455
www.rotaromantica.com.br
contato@rotaromantica.com.br
facebook.com/rotaromantica.rs

Sumário

Apresentação	09
<i>Terezinha Marina Kuhn Haas</i>	
Prefácio	11
<i>Daniel José Hillebrand</i>	
Herança que nos fortalece	12
<i>Por Adolfo Brito</i>	
A Rota no contexto da Imigração Alemã	13
<i>Por Rafael Koerig Gessinger</i>	
Sacro Império Romano Germânico	14
Hunsrück – região de mais da metade dos imigrantes	16
Pequenos Estados	18
Napoleão ocupa os estados germânicos	18
As condições de vida dos nossos ancestrais	20
Migrações germânicas	21
Do Velho Mundo para a América	23
A Real Feitoria do Linho Cânhamo	26
A colônia de São Leopoldo e as picadas	26
São Leopoldo, um santo austríaco	27
Os primeiros anos em São Leopoldo	27
Os lanchões e o transporte de mercadorias pelo Rio dos Sinos	29
O atendimento religioso luterano nas comunidades	31
O atendimento religioso católico nas Picadas	34
O ensino	39
As casas comerciais	41
As sociedades recreativas	45
A indústria	49
A produção de cerveja	53

Cidades da Rota Romântica	56
São Leopoldo	57
Novo Hamburgo	59
Estância Velha	64
Ivoti	68
Presidente Lucena	72
Dois Irmãos	74
Morro Reuter	78
Santa Maria do Herval	80
Linha Nova	82
Picada Café	83
Nova Petrópolis	86
São Francisco de Paula	91
Canela	92
Gramado	94

Comemorações da Rota Romântica ao Bicentenário da Imigração Alemã

50º Festival Internacional de Folclore – Nova Petrópolis	98
194º Kerb de São Miguel – Dois Irmãos	105
31ª Schmierfest – Presidente Lucena	110
3º Natal em Cores e 1º Bier & Food Festival – Linha Nova	114
Verão em Picada Café	119
Páscoa em Ivoti	124
Congresso do Bicentenário em São Leopoldo	131
Café da Colônia – Morro Reuter	132
Escolha da Corte da Rota Romântica no Bicentenário – Gramado	137
Encontro de CTGs – São Francisco de Paula	142
Kartoffelfest – Festa da Batata – Santa Maria do Herval	146
Prefeitos dos municípios da Rota Romântica em 2024	150
Imigração Alemã no Brasil e Cooperativismo: histórias que se entrelaçam	152
<i>Tiago Luiz Schmidt</i>	
Weber Haus - Destilando história, sabor e inovação desde 1948 ----	154

Apresentação

Os historiadores que pesquisaram e ainda estão debruçados em desvendar em detalhes a trajetória dos imigrantes alemães que aqui chegaram e construíram seus novos lares, nos ajudam a entender nossos usos e costumes. Por vezes, estes comportamentos nos soam estranhos se não temos uma linha de tempo para nos socorrer.

Comemorar 200 anos de imigração é relativamente fácil. Entender a trajetória e o nosso papel em preservar e fortalecer a continuidade desta cultura é deveras complexo!

Temos urgência em criar consensos para termos uma perspectiva mais clara do nosso papel à frente de nossas entidades. Como serão os próximos 50 anos? E os próximos 200? A Rota Romântica tem no seu embrião de concepção este território onde os imigrantes chegaram e constituíram estes 14 municípios. No seu DNA está explícito tudo que temos como arquitetura, gastronomia, canto, danças e nossa fala!

E nossa curiosidade não poderia cessar senão para procurar - na terra de onde saíram nossos antepassados - nosso fortalecimento de roteiro turístico na Romantische Strasse na Alemanha.

Muito bem! E agora? Como iremos conduzir os próximos passos a partir de tudo que vivenciamos? A cultura e o turismo são setores entrelaçados com a agricultura familiar e com os pequenos empreendedores. Afinal, todos têm um brilho no olhar, pois acreditam no desenvolvimento e na continuidade desta caminhada?

Acredito demais no quanto estaremos juntos, algumas vezes desconfortáveis, outra vezes eufóricos, mas nosso compromisso com nossas comunidades é fortalecer nossas estruturas para que sejam preservadas e se mantenham comprometidas.

As comemorações de 200 anos também têm este papel de fazer esta reflexão, e nós, como gestores dos nossos destinos, temos como missão conduzir e facilitar, com maestria e comprometimento, a preservação da nossa identidade, cada um no seu papel à frente de empresa ou instituição que representa, pois este legado é nossa origem, o que somos hoje e queremos ser no futuro!

Este livro pretende evidenciar essa linha de tempo e, para tal, convidamos uma das maiores referências sobre a pesquisa da Imigração Alemã no Brasil e um dos renomados porta-vozes de intercâmbio cultural entre o Brasil e a Alemanha. Com 31 livros já publicados, Felipe Kuhn Braun ocupa também a presidência da Federação dos Centros de Cultura Alemã do Brasil (Feccab), organização que legitima todo o esforço de pesquisa, preservação e promoção deste legado.

A cultura-produto, portanto, conjuga este conhecimento de todas as manifestações culturais, incluindo nossa diversidade como proposta de continuidade de trabalho unindo todas as ilhas-municípios para sermos o grande arquipélago Rota Romântica!

Que nosso Caminho ornamentado pelos plátanos seja um balizador de que precisamos estar juntos plantando e construindo um futuro melhor para nossas comunidades e para nossas famílias, preservando o que temos de mais autêntico: somos descendentes de alemães!

Deixe-se levar pelo coração!

Terezinha Marina Kuhn Haas

Diretora-presidente da Associação Rota Romântica

Prefácio

A Rota, como costumamos chamar carinhosamente este roteiro turístico localizado no Rio Grande do Sul, tem na sua criação a inspiração na Rota Romântica Alemã. As relações entre essas duas entidades vocacionadas para valorizar seus atrativos estão sempre relacionadas à cada atividade que realizamos, tendo como pano de fundo a cultura e o turismo do Brasil e da Alemanha.

Quando houve uma decisão imigratória na Alemanha, há mais de 200 anos, nunca se imaginou quão longe poderia se chegar. Apenas havia a convicção da necessidade dessa mudança de moradia. Eis que o Brasil recebeu de presente a cultura germânica com suas tantas qualidades. Os grupos de imigrantes que desembarcaram em São Leopoldo chegaram com malas carregadas de esperança, sentimento fundamental para empreender em uma terra distante, somados à inteligência, força e resiliência de começar tudo absolutamente do zero.

Diversas colônias alemãs foram criadas, e com o tempo se tornaram importantes cidades para o Estado e para o País.

Todas as áreas servem de inspiração, seja na educação, na saúde, na segurança, na agricultura, na infraestrutura, na sustentabilidade, no empreendedorismo, na tecnologia, na cultura, na história... E uma das inspirações foi justamente a criação da Rota Romântica, lá em 1996.

O nosso propósito de promover e desenvolver o turismo sustentável por meio da nossa riqueza cultural nos municípios associados inspirado na Alemanha direcionou naturalmente a realizarmos uma comemoração em cada um de nossos 14 municípios.

As comemorações do Bicentenário da Imigração Alemã no Brasil foram uma construção coletiva, lastreada por todo o respeito e admiração que temos pelos nossos imigrantes, que uniram as comunidades para organizar cada evento em seu município, mas também para prestigiar as ações dos municípios vizinhos. E que agora também estão aqui registradas nesta obra literária, muito bem redigida pelo escritor Felipe Kuhn Braun, junto ao documentário dirigido por Paulo Soares. Uma forma singela de deixarmos aqui os agradecimentos e a nossa admiração aos imigrantes alemães, que transformaram as nossas vidas quando há mais de 200 anos tomaram a decisão de vir para cá! E ao mesmo tempo, registrando a história que cada um de nós, descendentes dos imigrantes, estamos construindo para nossos futuros descendentes.

Que a leitura das próximas páginas seja inspiradora, e te encha de orgulho!

Daniel José Hillebrand

Presidente do Conselho de Turismo da Região das Hortênsias (Contur)

Vice-Presidente da Associação Rota Romântica

Gerente de Relacionamento da Sicredi Pioneira

Herança que nos fortalece

Os 200 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul representam um legado inegável de bravura e competência que enchem de orgulho o povo gaúcho, contribuindo de forma decisiva para a formação da identidade que temos hoje.

Os colonos alemães trouxeram características marcantes ao Estado, como o apreço pelo trabalho, a determinação, a força, e a busca constante pelo progresso e pela geração de riqueza. Desde sua chegada a São Leopoldo, em 1824, os imigrantes germânicos estabeleceram um modelo de subsistência eficaz, superando desafios naturais enfrentados por quem chega a uma terra estrangeira. Essas dificuldades, no entanto, em nenhum momento abalaram a coragem e o brio desse povo resiliente e confiante no valor do seu trabalho.

Nós, da Assembleia gaúcha, nos orgulhamos de celebrar este bicentenário da imigração alemã, reconhecendo, em cada canto do Estado, os frutos desse legado cultural e do estilo de vida que nos foram transmitidos. Neste sentido, a Rota Romântica é, sem dúvidas, um grande símbolo da força e da tradição germânica em nosso Estado.

Este marco nos convida a refletir sobre o impacto profundo da presença alemã em nossa terra e nos lembra o quanto a cultura, as tradições e os valores trazidos pelos imigrantes se tornaram parte indissociável da identidade gaúcha. Em cada celebração típica, nas construções que remetem a vilarejos europeus, nas escolas e nos grupos culturais, a influência alemã se mantém viva e se renova a cada geração.

Assim, comemoramos não apenas o bicentenário da imigração alemã, mas também a continuidade de uma herança que nos fortalece, nos inspira a inovar e nos une como povo. Que este aniversário seja um incentivo a preservar e valorizar a pluralidade que define o Rio Grande do Sul. Parabéns pelos 200 anos da presença alemã, um pilar fundamental na construção do nosso futuro.

Por Adolfo Brito

Presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul

A Rota no contexto da Imigração Alemã

Na base de qualquer comunidade estão pessoas e são elas que dão sentido profundo ao tempo, seja o tempo que passou, seja o momento presente, seja o tempo dos planos que projetam o futuro. Porque se chamavam homens, também se chamavam sonhos, e os sonhos não envelhecem. Sozinhos, no entanto, os seres humanos correm risco de não verem seus nobres sonhos realizados. Eis aí o papel das instituições. Governos, igrejas, escolas, universidades, associações, clubes... Sem as instituições, os sonhos dos homens seriam meros devaneios individuais.

A Rota Romântica é uma dessas instituições que permitem que sonhos transcendam indivíduos e driblem nossas limitações de tempo e de energia. Nas suas três décadas de existência, a instituição visionária tem auxiliado toda uma região a aperfeiçoar sua infraestrutura, sua comunicação, enfim, sua autoestima. Cidades de diferentes perfis sociais, econômicos e geográficos encontram na Rota Romântica força para valorizar a memória dos nossos antepassados com os olhos no presente e no futuro. Como ensinava o saudoso professor Jorge Luiz da Cunha, cultivar a memória é uma atividade relevante para o presente e para o futuro.

Por tudo isso, a Rota Romântica foi convidada a ser membro da Comissão Oficial Bicentenário da Imigração Alemã, estabelecida pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, a fim de celebrar com a devida dignidade e oficialidade os 200 anos da presença de falantes de alemão no Brasil independente, suas contribuições e seus encontros culturais, dando cumprimento à Constituição da República e à Constituição do Estado, que protegem as culturas que forjaram nosso país e nosso estado. Composta por mais de 60 entidades e com articulação com mais de 80 municípios, a Comissão Oficial estabeleceu, para dar conta dessa complexidade e riqueza, diferentes subcomissões temáticas: História das migrações, Língua alemã, Cidadania e direitos humanos, Desenvolvimento econômico, Exposições, Folclore, Ciência e inovação, Escolas, Fé e ações sociais, Turismo e Esporte, Amigos do Bicentenário, bem como uma curadoria para música de concerto liderada pela Orquestra Sinfônica de Porto Alegre – OSPA, que realizou concertos históricos tanto na capital como no interior, nas regiões de profunda presença germânica.

Com atuação impecável na Subcomissão Turismo e Esporte, a Rota Romântica colaborou com todas as demais entidades e subcomissões para que tivéssemos, ao todo, cerca de 300 eventos alusivos ao Bicentenário ao longo de 2024, em todo o Rio Grande do Sul.

As enchentes de 2024 marcaram, sim, o Bicentenário, mas assim como todas as dificuldades que acompanham a vida do homem sobre a terra e, em particular, que acompanharam a vida dos imigrantes e seus descendentes nesses 200 anos, elas não nos fizeram sucumbir nem afogaram nosso entusiasmo pela existência ou nossa esperança pela felicidade.

Vida longa à Rota Romântica!

Viva o Bicentenário! Viva o Rio Grande do Sul e seu povo!

Por Rafael Koerig Gessinger

Professor e advogado, doutor em filosofia pela UFRGS, com estágio no Thomas-Institut da Universidade de Colônia, Alemanha. Presidente da Comissão Executiva da Comissão Oficial do Bicentenário da Imigração Alemã estabelecida pelo Decreto 56.110/2021, assinado pelo Governador Eduardo Leite.



**Sacro Império
Romano
Germânico**

A Alemanha se tornou um país somente no ano de 1871. Antes da unificação da Alemanha, havia um conjunto de Estados de Língua Alemã que antes de 1806 formava o Sacro Império Romano Germânico. Este império era regido por um monarca eleito por sete príncipes eleitores. Diferente de outros estados europeus, no Império de Língua Alemã, a monarquia não era hereditária. Em 1356 o imperador Carlos IV de Luxemburgo assinou, na cidade de Metz, a Bula de Ouro, documento que regulava detalhadamente o processo de eleição do Rei dos Romanos e atribuía a eleição do rei aos príncipes eleitores. O imperador era coroado pelo papa, tradição que foi interrompida no século XVI. Várias famílias regeram o império durante seus séculos de duração, mas nenhuma foi tão poderosa e influente como os Habsburgo da Áustria.



A Bula de Ouro, o documento que oficializou a escolha dos imperadores alemães

Devido a uma hábil política de casamentos, os Habsburgo se tornaram a família mais influente do Sacro Império Romano Germânico, produzindo 21 reis e imperadores, de 1273 até 1806 com breves interrupções durante alguns anos. O próprio casamento da última Habsburgo, Maria Teresa da Áustria, com Francisco Estevão da Lorena, garantiu a descendência Habsburgo-Lorena, bem como sua linha masculina a frente do Sacro Império até o ano de 1806. A exitosa política de casamentos gerou a seguinte expressão: “Bella gerant alii, tu felix Áustria nube” (Enquanto outros fazem guerra, você, feliz, Áustria, casa-te). Durante séculos,

os Habsburgo casaram seus descendentes com membros de outras dinastias proeminentes, aumentando possessões e territórios. No auge desta política de casamentos, os Habsburgo possuíam os territórios ultramarinos na América Latina (com exceção do Brasil), a Espanha, os Países Baixos e juntamente com a Áustria, parte do território do leste europeu. Os casamentos do imperador Maximiliano I e de seu filho Felipe são creditados entre os maiores casamentos dinásticos realizados pelos Habsburgo, já que, ao se casar com Maria da Borgonha e seu filho Felipe com Joana de Castilha, os Habsburgo ganharam a Borgonha, a Espanha, os Países Baixos e os territórios hispânicos na América.

O Sacro Império formava um complexo conjunto de estados multi-étnicos que se expandia a partes do que hoje conhecemos especialmente como França, Alemanha, Países Baixos, Bélgica, Luxemburgo, Suíça, Liechtenstein, Áustria, República Tcheca, Polônia e centro norte da Itália.



Ao centro, o Römer, em Frankfurt, prédio onde eram eleitos os imperadores do Sacro Império Romano Germânico

Hunsrück – região de mais da metade dos imigrantes

O Hunsrück não era uma região pobre. Próximo dali, às margens do Rio Reno, no percurso entre Koblenz e Bingen, há uma concentração de 60 castelos construídos num percurso de 80 quilômetros do rio. O que havia era uma péssima distribuição de renda, onde muitos tinham pouco e poucos tinham muito. Entre estes poucos estava uma parte considerável das famílias pertencentes à nobreza e parte do

clero, especialmente os príncipes bispos, os arcebispos e os príncipes eleitores. Os príncipes eleitores, arcebispos de Colônia, Mainz e Trier, possuíam alguns dos maiores e mais pomposos palácios do Sacro Império. Eles tinham o poder religioso e até mesmo temporal sobre um terço das terras do império. Somavam-se a eles os príncipes-bispos, entre eles os líderes de aproximadamente 80 estados soberanos que pertenciam à Igreja.

A Reforma Luterana inviabiliza a venda de indulgências, critica a veneração de relíquias, dá acesso às Sagradas Escrituras, é a responsável por um sistema educacional, produz avanços para os estados alemães e para a Europa, mas não quebra a relação feudal e não diminui o poder da nobreza, pelo contrário, concentra mais poder nas mãos dos príncipes, na medida em que muitos destes nobres aderem a Reforma com o objetivo de tomar os bens da Igreja Católica em seu próprio benefício. Foi um período de extremas dificuldades, principalmente para aqueles que tinham que pagar estas contas.



Uma típica paisagem do Hunsrück em Gemünden: ao centro, no alto, o castelo, o povoado e as duas igrejas

Pequenos Estados

O conjunto de Estados Autônomos que formava até 1806 o Sacro Império Romano Germânico era também mencionado como “Kleinstaaterei”, devido ao grande número de principados seculares e eclesiásticos (só a igreja possuía aproximadamente 80 deles) soberanos, pequenos e médios, assim como as cidades imperiais livres (que deviam favores apenas ao imperador), algumas menores que uma cidade ou o território de um mosteiro de uma abadia imperial.

No verão de 1789, o jovem Wilhelm von Humboldt e alguns amigos deixaram Brunswick, capital do Principado de Brunswick-Wolfenbüttel, para que fossem a França observar os eventos revolucionários que se desenrolavam em Paris. Para tanto, precisavam entrar e sair de seis ducados, quatro bispados e uma Cidade Imperial Livre (Aachen) antes de chegar à fronteira francesa. (1997, página 4, E. D. Brose. German History 1789-1871, From the Holy Roman Empire to the Bismarckian Reich, Berghahn Books)



Caricatura sobre os pequenos estados que formavam o Sacro Império Romano Germânico: ao centro, uma carroça maior que o território do principado de Lippe

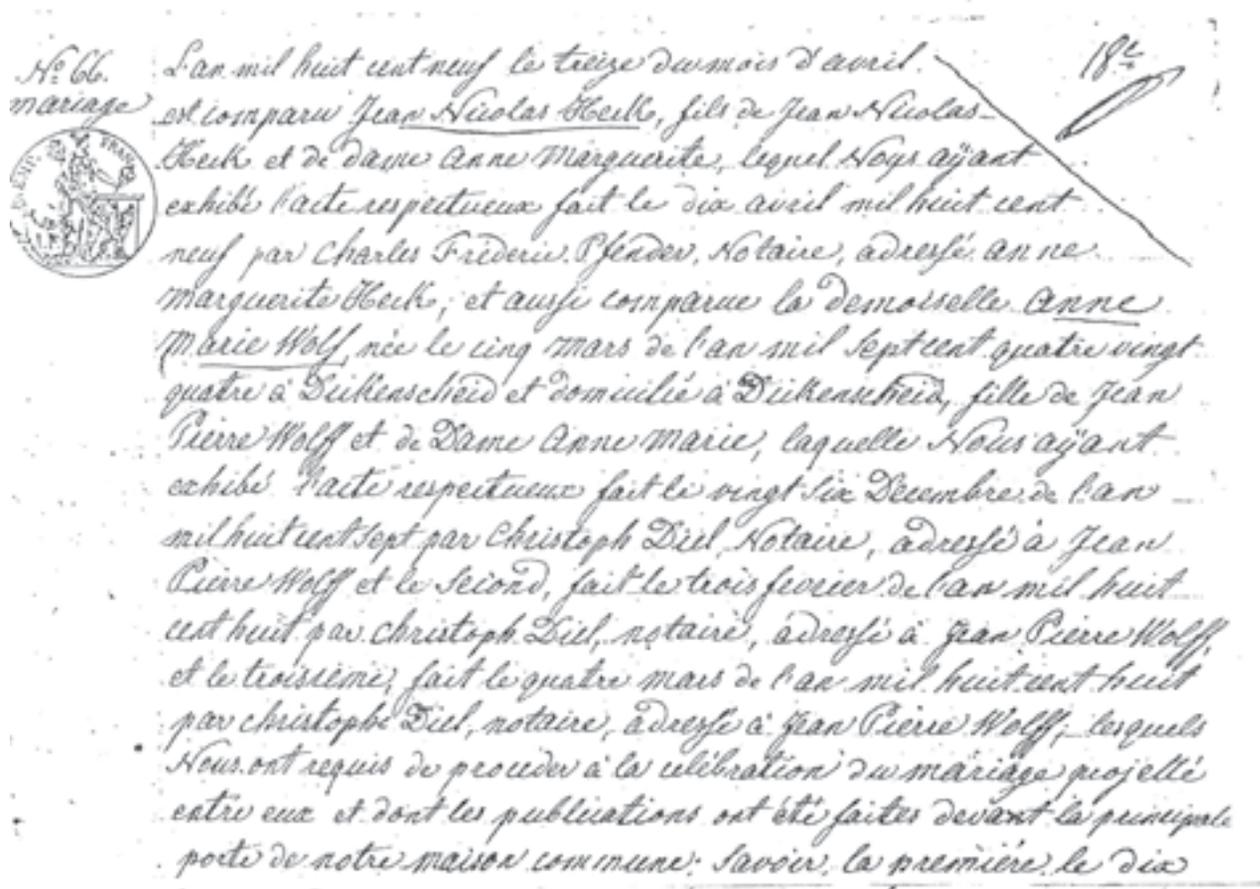
Napoleão ocupa os estados germânicos

Em 1799, Napoleão Bonaparte chegou ao poder na França e iniciou sua política expansionista. A Renânia era uma região de divisa com a França, que, juntamente com as províncias de Saar, Alsácia e Lorena e com o Ducado de Luxemburgo, além dos estados menores nestas regiões, já haviam sofrido nas mãos dos franceses durante diversas ocupações militares, entre elas: na Guerra dos Trinta Anos (1618-48) e na Guerra dos Nove Anos (1688-97). Partes da Prússia foram invadidas pelo exército francês, que conquistou novamente o território a oeste do Reno e o anexou a essa região.

Nos treze anos seguintes, através de inúmeras batalhas com as potências vizinhas, a França triplicou sua área territorial. Bonaparte conquistou praticamente toda a Prússia, modificando boa parte da estrutura

da sociedade, derrubando o sistema feudal e a estrutura eclesiástica, através da secularização de inúmeros bens da igreja. Em 1798, os livros de registros paroquiais foram recolhidos, dando espaço para os registros civis feitos em francês pelos prepostos franceses. O novo calendário que passou a ser utilizado foi o da República Francesa.

Ao mesmo tempo, houve avanços, como o ensino regular obrigatório e a introdução da vacina, o que também auxiliou na redução da mortalidade, inclusive infantil, gerando um *boom* populacional neste período.



1809

Nº 66. mariage

L'an mil huit cent neuf le treize du mois d'avril.
est comparu Jean Nicolas Heck, fils de Jean Nicolas Heck et de Dame Anne Marguerite, lequel Nous ayant exhibé l'acte respectueux fait le six avril mil huit cent neuf par Charles Frédéric Pfender, Notaire, adressé à ne. Marguerite Heck; et aussi comparue la demoiselle Anne Marie Wolf née le cinq mars de l'an mil sept cent quatre vingt quatre à Dickenschied et domiciliée à Dickenschied, fille de Jean Pierre Wolf et de Dame Anne Marie, laquelle Nous ayant exhibé l'acte respectueux fait le vingt six Décembre de l'an mil huit cent sept par Christoph Diehl, Notaire, adressé à Jean Pierre Wolf et le second, fait le trois février de l'an mil huit cent huit par Christoph Diehl, notaire, adressé à Jean Pierre Wolf, et le troisième, fait le quatre mars de l'an mil huit cent huit par Christoph Diehl, notaire, adressé à Jean Pierre Wolf, lesquels Nous ont requis de procéder à la célébration du mariage projeté entre eux et dont les publications ont été faites devant la principale porte de notre maison commune: savoir, la première le six

Registro de casamento de Johann Nikolaus Heck e Anna Maria Wolf, de Dickenschied, no Hunsrück, escrito em língua francesa, realizado no período das ocupações napoleônicas. O casal Heck emigrou com oito filhos para o Brasil, se estabelecendo na Picada dos Portugueses, atual São José do Hortêncio, nos idos de 1828

As condições de vida dos nossos ancestrais

Os conflitos e as guerras devastaram povoados, cidades, regiões. A mais cruel de todas havia sido a Guerra dos Trinta Anos, entre católicos e protestantes. Mesmo tendo envolvido também nações vizinhas (Países Baixos, França, Dinamarca, Suécia, entre outras), as batalhas e devastações ocorreram todas no território do Sacro Império Romano Germânico. Antes e mesmo depois desta grande guerra, estas regiões nunca viveram um longo período de paz. O maior período sem guerras na história da Alemanha é o período pós Segunda Guerra Mundial.

O início do século XIX também foi um período de grandes dificuldades, impostas por Napoleão e seu exército. De um lado, o imperador derrubou monarquias, reforçou o sistema escolar, implantou a primeira vacina nas áreas ocupadas pelo seu exército. Do outro lado, empregou seus parentes, confiscou bens e colheitas, obrigou os alemães a se alistarem em seu exército e irem às guerras. Posteriormente, com a queda de Napoleão, os integrantes da nobreza retornam aos seus postos, reassumindo seu status quo.

O início do século XIX também é o período da Revolução Industrial. Em vários ramos, o trabalho artesanal foi deixado de lado já que a indústria produzia mais e com isto comercializava sua produção com valores bem inferiores aos do artesão. Muitos camponeses foram obrigados a se mudar para a cidade em busca de trabalho. Os serviços oferecidos nas cidades, praticamente inexistentes, não acompanhavam o crescimento populacional desenfreado. As habitações eram precárias. O trabalho nas fábricas, além de pesado, oferecia baixa remuneração, especialmente devido à procura por emprego ser bem maior que as vagas ofertadas.



A maior parte da população do Hunsrück trabalhava na agricultura

Seja nas tecelagens, nas minas de carvão, na fabricação de cristais, em todos estes locais as condições de trabalho eram tão precárias que trabalhar nestas áreas diminuía ainda mais a expectativa de vida.

Nossos antepassados tinham uma baixa estatura, os imigrantes mediam aproximadamente 1,45m, 1,50m. A alimentação era baseada na batata e em alguns rábanos. Às vezes, as pessoas tinham pão de centeio e a carne inexistia na mesa da maioria das famílias. As condições insalubres levavam a um alto índice de mortalidade infantil de mais de 50% entre os nascidos. O consumo de bebidas alcoólicas era alto e era desconhecido o malefício da ingestão do álcool na gravidez. As áreas de terras eram pequenas, insuficientes para a subsistência.

Migrações germânicas

Desde o século XIII (há aproximadamente 700 anos), o excedente populacional nas terras germânicas era estimulado a emigrar para outras terras em busca de melhores condições. A região do Mar Báltico foi a primeira área de destino destas correntes migratórias. Imigrantes de Hessen, da Suábia, da Baixa Saxônia e de Brandemburgo emigraram para as terras do que veio a ser o Estado Monástico da Ordem Teutônica, posteriormente Prússia Oriental. Já no século XVII, tem início a imigração para a América do Norte, no século XVIII, para a Hungria e para a Rússia, entre outras regiões.



Uma paisagem rural típica da região da Prússia Oriental, na região do Mar Báltico, região de imigração dos povos germânicos a partir do século XIII. Fonte: Maiquel Kniest



O êxito da imigração nestas regiões, especialmente no Báltico, Vale do Volga na Rússia e na região do Danúbio, gerou uma boa imagem dos povos germânicos. Eles foram para estas regiões especialmente como militares, colonos e artesãos. Defenderam e trabalharam estas terras, ocupando-as e gerando desenvolvimento. Várias destas áreas tornaram-se ainda mais férteis pelos cuidados destes povos germânicos com a terra. Após o leste europeu, estes povos foram incentivados a emigrar para a América do Norte, cuja migração iniciou em 1624.

O governo imperial brasileiro, formado após a independência do país em 1822, nutria o desejo de ocupar as terras ao sul do império, temendo invasões dos seus vizinhos castelhanos. Estas áreas eram pouco povoadas em especial pelo seu difícil acesso pelo litoral. De 1822 a 1828, o alemão Anton von Schäffer foi encarregado pelo governo brasileiro para recrutar soldados e outros profissionais nos estados alemães, a fim de emigrarem e ocuparem as terras no sul do Brasil. No total, mais de 5.000 alemães emigraram para o Brasil de 1824 a 1828. (Acessado em auswanderermuseum.de, em 24 de setembro de 2024).



Pátio do castelo de Königsberg, capital da Prússia Oriental. Este foi sede da Ordem Teutônica no período do Estado Monástico da Prússia Oriental e após a secularização do Estado em 1525, durante a Reforma Protestante, sede dos duques de Hohenzollern, alçados a reis em 25 de fevereiro de 1713. Fonte: Maiquel Kniest

Do Velho Mundo para a América

A viagem para o Brasil só podia ser feita por navio a vela. Geralmente demorava três meses dos portos da Europa para a América. Os navios transatlânticos eram movidos pelo vento. Quando havia pouco vento, o navio não andava. Uma viagem completa podia durar até meio ano. Do Hunsrück, os alemães saíam da cidade portuária de Bacharach e subiam para o norte pelo rio Reno. A viagem era longa: Bacharach era apenas o começo de um trajeto de mais de 500 quilômetros pelo rio, e de carroça e a pé entrando pelo Reino de Hannover, até chegar a cidade portuária de Hamburgo, no norte da Alemanha.

Chegando ao norte, embarcavam nos portos de Hamburgo, Bremen ou Lübeck em navios em geral holandeses ou hamburgueses. Em Hamburgo, os emigrantes eram submetidos à quarentena e à exames da documentação, entre eles o “certificado de cidadania brasileira”, a renúncia da cidadania alemã, fornecido por Schaeffer. As autoridades não queriam que emigrantes arrependidos voltassem para sua terra natal.



Ilustração do embarque das famílias nos veleiros, no porto de Hamburgo

Quem seguia o trajeto pelo Rio Reno, que termina nos Países Baixos, desembocando no Mar do Norte, deixava a Europa pelos portos deste país ou pelo porto da Antuérpia. Boa parte dos passageiros se sentia mal com o balanço das ondas. Vários passageiros adoeceram no mar e faleceram. Seus corpos eram enrolados num lençol e jogados ao mar, para o descanso eterno nas profundezas do mar.

“Os veleiros construídos para o transporte de mercadorias, recebiam beliches instalados na entrecoberta da embarcação para acomodar os passageiros. O início da viagem significava a despedida definitiva da família e dos amigos, mas significava também o abandono da uma pátria com instabilidade institucional,

democracia precária, explosão demográfica, recessão econômica, terras exauridas e improdutivas, e que para os emigrantes significava a fuga do desemprego, da fome, da insegurança, da falta de perspectivas e do desespero”. Não sabiam os emigrantes o que lhes esperava no Brasil.



O interior de um navio com imigrantes. Acervo Helmut Kuhn

Após várias semanas de viagens, em geral em torno de três meses, as famílias chegavam ao Rio de Janeiro e ficavam alojados em galpões na Praia Grande (Niterói), para uma quarentena, onde esperavam por semanas, às vezes meses, para que pequenos navios ancorassem por ali e os transportassem para o sul do país. A diáspora transatlântica entrava em sua última etapa.

Segundo o historiador Egídio Weissheimer, “enquanto a travessia do Atlântico era efetuada em navios de 3 mastros (galeras), as viagens para Porto Alegre eram efetuadas em bergantins, sumacas e escunas de 2 mastros apenas. A Capital da Província de São Pedro era atingida após 3 semanas de viagem”.

Da cidade do Rio Grande rumavam para Porto Alegre, numa viagem de cinco dias pela Lagoa dos Patos. Depois da passagem pela capital da província, viajavam de barca até São Leopoldo. Do Passo do Rio dos Sinos, as carretas de bois levaram os emigrantes do rio até a feitoria. Dia 25 de julho de 1824 marca a chegada da primeira leva de alemães em solo leopoldense.

Para os imigrantes, após a longa viagem de 12.000 quilômetros em busca da nova pátria, tudo era novidade. Uma terra fértil, cheia de plantas e animais das mais variadas espécies, um verdadeiro paraíso se comparado com sua pátria.



O Porto de Rio Grande, no início do século XX



Modelo de navio transatlântico que transportava os imigrantes no início do século XIX

A Real Feitoria do Linho Cânamo

A área de terras oferecida aos imigrantes no sul do Brasil compreende parte da atual cidade de São Leopoldo e de cidades que se emanciparam dela. Até por volta de 1820, a localidade, que pertencia a Porto Alegre, sequer era conhecida como São Leopoldo. Na época do Reino de Portugal e no início do período do império, era conhecida como Real Feitoria do Linho Cânamo. Uma grande fazenda administrada por portugueses (que mais tarde levariam o empreendimento a bancarrota) produzia o Linho Cânamo, que posteriormente era utilizado para a fabricação de cordas para os navios. A mão de obra era formada por aproximadamente 300 africanos na condição de escravizados. Na sede desta fazenda se instalaram provisoriamente os primeiros imigrantes e dali, mais tarde, foram levados aos seus lotes de terras, entregues pelo governo imperial.



A casa da Feitoria, sede da fazenda

A colônia de São Leopoldo e as picadas

Grande parte destes imigrantes foi instalada de imediato na colônia de São Leopoldo, visto que a curta distância até Porto Alegre e as estruturas logísticas já existentes em São Leopoldo incentivavam os imigrantes a permanecerem no entorno do núcleo urbano. Num segundo momento, ocorre o avanço das frentes de colonização para o interior, se instalando em unidades de convivência humana designadas de picadas¹.

¹Convencionamos de usar no presente estudo a expressão “picadas” para genericamente designar as localidades, linhas ou comunidades localizadas no interior da Colônia alemã. Primeiramente elas eram estradas, ao longo das quais foram instaladas as famílias de colonos, num formato de propriedade que tinha geralmente 72 hectares. O núcleo urbano de São Leopoldo era a Stadplatz (centro), para a qual convergiam as picadas.

Depois de ocupada integralmente a antiga Feitoria, os imigrantes passaram a ser instalados em Estância Velha e Lomba Grande. No ano de 1826, a colonização já estava avançando para a ocupação de Sapucaia, Portão, Campo Bom, Costa da Serra (Hamburgo Velho), Bom Jardim (Ivoti), Linha Quatorze Colônias, Picada 48, Linha do Hortêncio e Dois Irmãos².

As picadas formavam povoados etnicamente homogêneos, ao contrário da Stadtplatz, onde havia pluralidade étnica, perceptível através da convivência de descendentes dos colonizadores portugueses, de afro-descendentes e dos imigrantes europeus.

São Leopoldo, um santo austríaco

Com a chegada dos imigrantes de língua alemã a Real Feitoria do Linho Cânhamo, a localidade ganha o nome de São Leopoldo, uma homenagem a Leopoldo III de Babenberg, São Leopoldo da Áustria, canonizado no final do século XV (1485) por influência da família imperial dos Habsburgo. Tem seu dia de celebração em 15 de novembro. É um santo pouco conhecido fora da Áustria. A política de casamentos dos Babenberg e de Leopoldo favoreceu a expansão de seus domínios e o destaque de sua casa-família. Casou primeiramente com Adelheid von Machland e depois com Agnes Don Waiblingen, filha do imperador Heinrich IV (1084-1105). Teve uma enorme descendência, faleceu após uma queda de cavalo e foi enterrado no Mosteiro de Klosterneuburgo, na Baixa Áustria.

Os primeiros anos em São Leopoldo

A chegada deixaria lembranças para os imigrantes, que posteriormente seriam registradas nas cartas. Havia muita vegetação, com árvores enormes e flores em profusão; muitos animais povoando as margens, tudo era um encanto ao vivo e em cores: um mundo de pássaros coloridos. Um mundo novo à espera de quem fizera uma viagem de 12.000 quilômetros em busca de uma nova Pátria.

²HUNSCHE, Carlos Henrique. Primórdios da vida judicial de São Leopoldo. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes, 1979.



O primeiro registro de São Leopoldo

Algumas décadas atrás, aquela região era praticamente coberta pela mata, com exceção das aldeias indígenas e de alguns caminhos e campos, por onde passavam os tropeiros, que traziam gado de Vacaria e da região norte do Estado. O governo dava um subsídio irregular pago em víveres, algumas sementes e instrumentos agrícolas. Os colonos começaram a cultivar a terra de forma primitiva. Nos primeiros anos, muitos imigrantes tinham residências com somente duas peças, uma que servia de cozinha e a outra de dormitório onde todos os parentes dormiam em uma mesma peça.

Ainda nos primeiros anos, os imigrantes passaram a cultivar também produtos plantados na Europa, tais como o centeio, o trigo e a batata. A mata era abatida e a lenha, quando seca, era queimada, após isso eram plantados o milho e a abóbora.

Os imigrantes ficavam maravilhados, pois no solo brasileiro cresciam todas as plantas de campo e de jardim que existiam na Prússia e mais uma quantia quase infinita de diferentes plantas, frutas e verduras, muitas até então desconhecidas pelos imigrantes provenientes das longínquas e frias terras do Velho Mundo. A maioria das árvores frutíferas crescia muito bem.

Os primeiros excedentes foram trocados entre os colonos, mas conforme aumentavam as colheitas e a situação melhorava, era necessário escoar a produção para mais longe e trocar os produtos por outros que não eram produzidos pelos colonos. Surgiu então a primeira loja comercial, a venda, como era chamada popularmente. Esses comerciantes recebiam a produção dos colonos e remetiam-na pelo Rio dos Sinos para Porto Alegre. Para os habitantes do interior era muito difícil escoar a produção em tempo hábil. O

mau estado das picadas tornava as distâncias enormes, demorava-se um dia inteiro para ir de Dois Irmãos a Novo Hamburgo, trajeto que só podia ser feito em dias ensolarados, pois a chuva transformava as estradas em um lamaçal. Quase não havia animais de carga, o transporte pelo rio era problemático em alguns trechos, onde havia muita mata ou trechos perigosos.

Os lanchões e o transporte de mercadorias pelo Rio dos Sinos

O transporte fluvial teve impulso com a chegada dos alemães no Rio Grande do Sul. Inicialmente, os lanchões eram empurrados a remo. Entre os primeiros donos de lanchões, se destacam Heinrich Wilhelm Schmitt, João Rothmann, Nicolau Henrique Schramm, Sebastião Diehl, Mariana Diehl e Jacó Diehl. “Desde 1852, a família Diehl começou a trabalhar com uma pequena barca movida por uma máquina a vapor de 10 cavalos de força. Levaram para fazer a viagem de São Leopoldo a Porto Alegre, seis horas. Os lanchões eram bem mais lentos. Um lanchão com 2 remadores, levava, em média, para fazer a viagem São Leopoldo – Porto Alegre, ida e volta, uma semana. Um lanchão com 3 remadores levava 5 dias para fazer a mesma viagem.” (Lúcio Fleck, 1994, página 95)

Sem dúvida, o pioneiro a trabalhar com o transporte de mercadorias via Rio dos Sinos foi o imigrante Ignaz Rasch, que se estabeleceu no Passo, em São Leopoldo, sendo o primeiro vendeiro da localidade. Ele possuía uma barca e realizava o transporte fluvial dos produtos da sua casa comercial. Muitos nomes também se destacaram no transporte de mercadorias pelos rios, bem como na fabricação das embarcações. Em Sapiranga, o imigrante proveniente de Altona, Peter Heinsohn, construía barcos. “Encontramos na relação também o nome de Peter J. Schweitzer, sendo dono e patrão de lanchão e ainda os nomes de dois marinheiros, os senhores Conrad Carl Meier e Johannes Rönnau. Também sabemos que, mais tarde, Henrique Guilherme Gaelzer, o pai do intendente (prefeito) Cel. Guilherme Gaelzer

Neto, era marinheiro diplomado e trabalhava com lanchões entre o Passo da Cruz e Porto Alegre.” (Lúcio Fleck, 1994, página 95)

Um dos pioneiros da navegação fluvial no Rio Grande do Sul foi outro comerciante estabelecido em São Leopoldo, João Henrique Eberts. Outra família que se destacou nos primórdios da navegação foram os Ely, proprietários de lanchões no Rio Caí. Eles eram antepassados da abastada família de comerciantes Ely, de Porto Alegre.

Na história também estão registrados os nomes dos “5 Jacós” da navegação no Rio Grande do Sul, que faziam o transporte de mercadorias do Guaíba para os rios Jacuí, Taquari, Sinos e Caí. As famílias Arndt, Becker, Blauth, Schilling e Michaelsen formaram grandes capitais e deixaram seus nomes na história, trabalhando no escoamento dos produtos e no transporte de pessoas entre a capital e o interior.



Navegação Michaelsen em São Sebastião do Caí



Família Arndt, na época proprietários da Navegação Arndt, com sede em Porto Alegre, na capital da Província. Foto: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

O atendimento religioso luterano nas comunidades

Nas primeiras levas, os imigrantes, a maior parte de Confissão Luterana, vieram acompanhados de pastores. O primeiro era o pastor Johann Georg Ehlers. Estes religiosos se estabeleceram em São Leopoldo, na sede ou nas picadas. Eles fundaram novas comunidades para atender seus conterrâneos: “Paralelamente ao desenvolvimento da Colônia Alemã de São Leopoldo, berço da imigração germânica (1824), surgiram, inicialmente, sempre em direção ao norte, as primeiras comunidades evangélicas: Feitoria Velha, em 1824, mais tarde transferida para São Leopoldo; Hamburgerberg (Hamburgo Velho), em 1825; Três Forquilhas, em 1826, Dois Irmãos (Baumschneis) e Bom Jardim (Berghanerschneis), em 1827; São José do Hortêncio ou, inicialmente, Picada do Cadeia (Bernadinerschneis e, ainda hoje, “Portugieserschneiss”), em 1829. Muito mais tarde fundaram-se as comunidades protestantes de Porto Alegre em 1856, Santa Cruz do Sul, em 1850, e de Nova Petrópolis em 1865” (Carlos Henrique Hunsche, *Protestantismo no sul do Brasil*, 1983, Página 11).

Os pastores pioneiros ganharam apoio do Estado Brasileiro, ao menos até 1830. Neste período não havia uma igreja organizada no sul do Brasil. “Os primeiros pastores vieram ao Brasil por própria iniciativa, sem ordem, mas também sem amparo por parte de uma entidade alemã. Durante a primeira fase

da imigração alemã (1824-1830), todos foram angariados pelo Major Schaeffer, que pagou, no começo, as suas passagens por conta do governo brasileiro. Todos eles (Sauerbronn, Ehlers, Klingelhoefter e Voges) recebiam do governo das províncias suas gratificações anuais, mais ou menos iguais às dos seus colegas católicos, até a Lei do Orçamento de 1830.” (Carlos Henrique Hunsche, Protestantismo no sul do Brasil, 1983, Página 14)

Neste período, com o elevado número de filhos dos imigrantes acelerando o crescimento das famílias, não havia pastores suficientes para atender todas as localidades. Aqueles que tinham um pouco mais de conhecimento, auxiliaram suas comunidades como pastores práticos. Hunsche destaca a importância destas pessoas, especialmente no início da imigração alemã: “...Devemos encarar e apreciar o trabalho dos pastores de emergência, chamados (muitas vezes sem justificação) pseudo-pastores. Por simples falta de professores e pregadores formados, alguns colonos com um pouco mais de instrução punham-se à disposição dos seus correligionários, ensinando como professores os seus filhos e exercendo os serviços eclesiásticos mais rudimentares”. (Carlos Henrique Hunsche, Protestantismo no sul do Brasil, 1983, Página 31)



Um registro em língua alemã da Confirmação de Leopoldo Wiltgen, na comunidade Luterana de Linha Imperial, Nova Petrópolis

Em 1863, o ministro da Prússia, von Eichmann, visitou o sul do Brasil e verificou várias situações que envolviam os imigrantes nesta região do país. Entre as dificuldades relatadas pelo ministro, estava a falta de assistência religiosa. Em 1864, o pastor Dr. Hermann Borchard (1823-1891) emigrou para São Leopoldo, onde auxiliou nas escolas evangélicas e fundou o primeiro Sínodo da Igreja, em 1868. Borchard também solicitou apoio ao Conselho Diretor da Igreja Protestante em Berlim, como também a Casa da Missão de Barmen, que enviou vários pastores ao Rio Grande do Sul.



O Pastor Borchard ao centro, ladeado de seus colegas pastores, fundadores do Sínodo Riograndense, no ano de 1886, em São Leopoldo

O atendimento religioso católico nas Picadas

Estes primeiros anos com pouco atendimento religioso foram muito difíceis para os imigrantes, como destaca o bispo emérito da diocese de Novo Hamburgo, Dom Zeno Hastenteufel: “A primeira descrição da realidade feita pelo P. Agostinho Lipinski, em carta ao seu Superior, em 1861, bem retrata a realidade de toda esta região que vai de São Leopoldo até Nova Petrópolis. Todo este povo que veio da Alemanha desde 1824 não tinha mais recebido o sacramento da confissão, por não haver confessor de língua alemã. Mas reuniam-se aos domingos, sob a liderança de algum professor ou leigo mais preparado, cantavam e rezavam, escutavam a Bíblia Sagrada e mantinham acesa a fé cristã, trazida da Alemanha”. (Spohr, A história das Casas: Paróquia São Miguel dos Dois Irmãos, 2016, Página 7)

A falta de padres para celebrar missas em língua alemã era a maior queixa dos imigrantes católicos. As missões populares de 1845 foram realizadas em São José do Hortêncio por padres de origem espanhola que se surpreenderam com a devoção do povo e escreveram ao seu superior da Ordem de Jesus, para que os jesuítas enviassem padres conhecedores da língua alemã. Acreditava-se que boa parte destas pessoas deixaria os princípios cristãos e a fé católica. De fato, nesta época a maioria dos imigrantes era de confissão luterana e mesmo que a Igreja Protestante ainda não tivesse uma estrutura organizada no Brasil, os pastores falavam alemão e assim estavam mais próximos dos seus fiéis.

Atendendo a este pedido para satisfazer a necessidade espiritual dos imigrantes, o Padre Geral dos Jesuítas enviou, em meados de 1849, os primeiros dois padres da Província da Galícia para estas vastas regiões como missionários: Pe. Agostinho Lipinski, que nasceu em 9 de setembro de 1809, e entrou na Companhia de Jesus em 17 de outubro de 1828. E o Pe. João Crisóstomo Sedlak, que nasceu em 2 de janeiro de 1812, e entrou na Companhia de Jesus a 31 de julho de 1844.



Uma capela que pertencia a Paróquia São Miguel de Dois Irmãos. À direita, a escolinha

O Pe. Lipinski fixou residência primeiro nesta picada de Hortêncio e o Pe. Sedlak na de São Miguel (Baumschneis, Dois Irmãos). Depois de pouco tempo, trocaram de lugar e o Pe. Sedlak ficou em Hortêncio por 23 anos, até seu falecimento.

Em 1848, a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, até então fazendo parte da diocese de São Paulo, foi feita diocese própria pelo Papa Pio IX, nomeando primeiro bispo Dom Feliciano José Rodrigues Prates. Neste mesmo ano, a Paróquia de São José de Hortêncio foi separada da de Sant'Ana e criada a 18 de julho pela Assembleia Provincial, cooperando para isso o próprio pároco de Sant'Ana, nomeado acima, o qual, segundo dizem, desejava tornar-se pároco aqui.

Mas por causa de um número maior de alemães, o bispo nomeou, em 1849, o Pe. João Sedlak, pároco interino, e o confirmou por provisão de 1 de dezembro de 1853. Este padre infatigável cuidou de sua grei, como bom pastor, por dez anos, ficando nos primeiros quatro anos sozinho. Esta paróquia então era muito grande, começando perto de Triunfo e indo até as colônias do Campo dos Bugres e ao alto dos morros denominado Serra, tendo um diâmetro de umas 16-18 léguas.

Após praticamente uma década da chegada dos dois padres e do irmão jesuíta, a Companhia de Jesus enviou mais três religiosos que atuaram por mais oitos anos na região. A partir do final da década de 1860 e da política do Kulturkampf de Bismarck, a Companhia de Jesus enviou um número mais expressivo de religiosos que, sobretudo assumiram paróquias e fundaram novas escolas.



Jesuítas ordenados em 1922. No início do século XX, no auge das atividades da Companhia de Jesus no Rio Grande do Sul, com os seminários de formação, grande número de sacerdotes especialmente nas paróquias e educandários administrados pela Ordem de Jesus

Em busca de professoras e a fundação de educandários femininos, os padres jesuítas convidaram várias Congregações da Alemanha para se estabelecerem na região de São Leopoldo. Inicialmente as Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, estabelecidas em São Leopoldo em 1872, cuja primeira obra em solo brasileiro foi o Colégio São José, para o ensino de meninas. Desde o início, o educandário foi procurado também pelos portugueses, especialmente os estancieiros, que procuraram o São José para a educação das suas filhas. O trabalho de excelência da congregação, o período de grande quantidade de vocações e de muita demanda, especialmente nas áreas da saúde e da educação, fez com que as irmãs fundassem dezenas de obras de assistência, consolidando as Irmãs Franciscanas como a maior congregação em número de obras e pessoas atendidas. Segundo Balduino Rambo: “As Irmãs Franciscanas, desde 1872 estabelecidas em S. Leopoldo, em 1922 administravam 11 colégios, 12 escolas elementares e 3 orfanatos, com um total de 4.772 alunas; e 12 hospitais, sanatórios e asilos com 14.186 doentes e necessitados”.



Irmãs Franciscanas reunidas na Casa Provincial em São Leopoldo, nos idos de 1910

Posteriormente se estabeleceram no Rio Grande do Sul, as Irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria, ordem fundada pela Irmã austríaca Barbara Maix, no Rio de Janeiro, em 8 de maio de 1849. Elas iniciaram suas atividades em Lajeado (1897) e Dois Irmãos (1900), fundando dois educandários nestas localidades.



As Irmãs do Imaculado Coração de Maria e suas alunas na cidade de Dois Irmãos, em frente da Igreja Matriz São Miguel, na década de 1910

Ainda no final do século XIX, também vieram a convite dos padres jesuítas, as Irmãs da Congregação de Santa Catarina, primeiramente em 1897, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, e em 1900, em Novo Hamburgo, onde fundaram a primeira obra da Congregação no sul do Brasil, o Colégio Santa Catarina. As Irmãs de Santa Catarina fundaram nos anos seguintes, escolas em Ivoti, São José do Hortêncio, Taquara, Cachoeira do Sul, Bom Princípio, Alegrete, São Gabriel, Uruguaiana, Bagé, Porto Alegre e São Sebastião do Caí.



Irmãs pioneiras da Congregação de Santa Catarina VM no Rio Grande do Sul, idos de 1900

Os padres jesuítas fundaram em 1869, em São Leopoldo, o Ginásio Nossa Senhora da Conceição, a primeira escola de ensino médio do sul do Brasil. A intelectualidade do final do século XIX e início do século XX, estudou no Conceição: Osvaldo Aranha, Alberto Pasqualini, Dom João Becker, entre outros. O Conceição fechou suas portas em 1910 devido a nova legislação para o ensino. Neste período os alunos do Conceição foram transferidos para o Colégio Anchieta em Porto Alegre, que foi a continuidade daquele educandário. O Ginásio Conceição tinha o formato do Stella Matutina da Áustria, que era o modelo de ensino médio para toda a Europa, onde estudavam pessoas de diversas nacionalidades, as aulas eram todas ministradas em latim, para conseguir o entendimento entre todos. Um dos grandes mestres do Stella Matutina, o padre Otto Faller, foi um dos idealizadores do Conceição.



Ao centro o Colégio São José, das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, à direita o Ginásio Nossa Senhora da Conceição

O ensino

Quando os primeiros alemães chegaram no Rio Grande do Sul, apenas 1% da população brasileira sabia ler e escrever. Os alemães tinham que fundar suas próprias escolas pela completa falta de assistência nesta área. A primeira escola fundada pelos imigrantes de língua alemã foi o Instituto Rio Branco, em São Leopoldo, em 1826. Os imigrantes evangélicos de Confissão Luterana perfaziam 91% dos primeiros imigrantes chegados em São Leopoldo em 1824 e 1825.

Em 1828, os imigrantes fundaram o Colégio Tiradentes em Campo Bom e em 1832 o Educandário Pindorama, em Hamburgo Velho. Em 1835, conforme pesquisas do professor e escritor Arthur Blásio Rambo, os imigrantes fundaram a primeira escola comunitária em Dois Irmãos. Os alemães e seus descendentes fundaram, de 1835 a 1922, 698 escolas comunitárias. Alfabetizaram 95% da população não somente de descendentes de alemães. As Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã e as Irmãs de Santa Catarina VM estão entre as pioneiras a ministrar aulas para as crianças, jovens e adultos africanos.

Em 1851 chegaram ao Rio Grande do Sul aproximadamente 1.800 soldados alemães, para uma guerra que o Brasil travava contra a Argentina e que na chegada destes soldados, estava quase no fim. Estes soldados tinham formação superior (Brummer), muitos deles foram professores nas colônias, como Roehe, em Dois Irmãos, Meyer, em Lomba Grande; e Michaelsen, em São José do Hortêncio e posteriormente em Nova Petrópolis.



Roehe, Meyer e Michaelsen

Parte do conteúdo didático era impresso no Rio Grande do Sul. Já em 1828, a tipografia C. Dubreuil e Cia, de Porto Alegre, editava uma cartilha escolar, ‘principalmente para a colônia de S. Leopoldo’, no frontispício figura o versículo sugestivo: oas Hänschen nicht lernt Hans nimmermehr (o que o Joãozinho não aprende, João nunca mais)”. Boa parte do material didático era importado. Em 1877 o pastor Wilhelm Rotermund, radicado em São Leopoldo, fundou nesta cidade a Editora Rotermund, e passou a imprimir livros didáticos. Eles foram de grande valia para o aprendizados nas colônias, nas escolas de língua alemã.



Deutsche Schule, escola alemã na Linha Brasil, em 10 de janeiro de 1892



Alunas de música de Colégio Santa Catarina, em Novo Hamburgo, década de 1910



Colégio dos Irmãos Maristas, Congregação chegada em 1900

As casas comerciais

Há várias casas comerciais nas cidades que compõem a Rota Romântica, algumas como lares de diversas gerações e outras já como espaços públicos preservados, tais como: a Casa Schmitt-Presser (Novo Hamburgo), a Casa Kieling (Dois Irmãos) e a Casa Ritter, em Linha Nova.

Os comerciantes rurais mantinham muito raramente relações com casas comerciais de Porto Alegre. A produção da venda do interior era transportada em animais de carga até o vau, e daí, em barcas, pelo rio, ou somente pelo rio, quando localizada nas suas margens. O transporte fluvial foi um dos ramos mais lucrativos do comércio.

Conforme a escritora Janaína Amado: “Os comerciantes eram definidos na época como ‘Donos da economia colonial’, eles controlavam todas as operações econômicas e a vida social em determinadas áreas. Posteriormente, comerciantes na região, abriram contas correntes para seus fregueses, registrando seus débitos e créditos. Desta forma, o colono tornava-se dependente do comerciante, que fixava os preços dos produtos agrícolas comprados e dos gêneros ou objetos importados que vendia ao colono”.



Além disso, a “venda” podia funcionar como banco, dando crédito aos fregueses com taxas de juros elevadas. Os colonos que dispunham de algum dinheiro, muitas vezes depositavam-no na caixa do comerciante, pagando inclusive uma taxa por serviço. Este desenvolvimento do comércio proporcionou um acúmulo de capital inicial, que permitiu mais tarde o desenvolvimento econômico das colônias, na medida em que os excedentes de capitais eram reinvestidos em outras atividades, inicialmente o artesanato e posteriormente ou paralelamente, a indústria.



A representação da venda da família Schmitt, de Hamburgo Velho, em pintura realizada pelo artista Pedro Weingärtner



Casa comercial de Adolf Dietrich e Elsa Arlinde Dauernheimer em Estância Velha



Interior da casa comercial da família Nabinger em Lomba Grande



Casa Comercial Kieling em São José do Herval



Casa comercial de Albert Lanzer em Hamburgo Velho, Novo Hamburgo. Da esquerda para direita, Sahara Leopoldina Rösler Lanzer, seu esposo e seu filho



Este casarão, construído em 1864, em Linha Nova, foi moradia e sede comercial de G. Heinrich Ritter. O pastor Heinrich W. Hunsche morou nesta casa, quando solteiro, até 1871

As sociedades recreativas

Quando as condições financeiras se tornaram melhores, os alemães fundaram sociedades recreativas como uma forma de sociabilidade e diversão. Em especial os clubes de canto, tiro ao alvo e bolão, mas também clubes de lanceiros e sociedades de ginástica, entre outros. São Leopoldo tem a mais antiga de todas as sociedades da região, a Sociedade Orpheu, de 1858. São Leopoldo e seu segundo distrito, que em 1927 se tornou a cidade de Novo Hamburgo, são os locais com maior número de sociedades recreativas fundadas por alemães e seus descendentes.

Listamos as sociedades conforme os anos de fundação: Sociedade Orpheu, em São Leopoldo (1858), Sociedade de Cantores de Linha Nova (1863), Gesangverein Bruderbund de Linha Olinda, Nova Petrópolis (1880), Sociedade Ginástica de São Leopoldo (1885), Frohsin, Sociedade de Cantores de Novo Hamburgo (1888), Sociedade de Cantores de Dois Irmãos (1890), Gesangverein Einheit de Estância Velha (1892), Sociedade Atiradores de Ivoti (1893), Sociedade de Canto Harmonia de Ivoti (1894), Turnverein Neu Hamburg - Sociedade de Ginástica de Novo Hamburgo (1894), Atiradores de Novo Hamburgo (1892), Sociedade Atiradores de Nova Petrópolis (1895), Sociedade de Ginástica de Hamburgo Velho (1896).





Sociedade Atiradores de Novo Hamburgo



Sociedade Atiradores de Hamburgo Velho

Eintracht im Wilhelmlust de Arroio da Manteiga, São Leopoldo (1896), Sociedade Beneficente União Operária Leopoldense (1899), Deutscher Brasilianischer Schützenverein Picada 48, posteriormente chamada de Sociedade Atiradores de Picada 48 Baixa, atual Lindolfo Collor (1901), Sociedade Atiradores de Lomba Grande (1911), Tennis Club São Leopoldo (1913), Sociedade de Canto Fraternal de Novo Hamburgo (1917), Sociedade de Canto Palestrina em Novo Hamburgo (1917), Sociedade de Canto Harmonia de Ivoti (1920), Sociedade de Canto Sempre Viva em Novo Hamburgo (1922), Sociedade Gaúcha de Lomba Grande (1938), Sociedade de Canto Lyra de Estância Velha (1947).



Sociedade de Cantores de Arroio da Manteiga em São Leopoldo



Sociedade de Cantores de Ivoti



Turnverein, Sociedade de Ginástica de Novo Hamburgo



A sede da Sociedade de Cantores Frohsin, em Hamburgo Velho, Novo Hamburgo, no ano de 1905. Fonte: Acervo da Fundação Ernesto Frederico Scheffel

A indústria

A base da indústria brasileira se deve à imigração alemã. Muitos imigrantes eram artesãos que não tinham mais espaço para o seu trabalho numa Europa em plena Revolução Industrial. O trabalho manual perdia espaço para as indústrias, que produziam num dia mais do que um artesão produzia durante semanas de trabalho. Ferreiros, sapateiros, moleiros, marceneiros, entre tantos outros, encontraram boas condições no Rio Grande do Sul, onde todos os produtos precisavam ser importados da Europa. O rápido desenvolvimento não foi interrompido com a Revolução Farroupilha, porém, os dias difíceis desaceleraram este desenvolvimento, que é retomado pós Revolução, com as novas levas de imigrantes e profissionais após 1845, com o transporte fluvial que se desenvolveu nas mãos dos alemães, especialmente a partir da década de 1850 e com a primeira ferrovia do Estado do Rio Grande do Sul, ligando Porto Alegre a São Leopoldo e ao seu povoado mais importante economicamente na época: Hamburgerberg.



Em 1829 existiam em São Leopoldo, oito moinhos de trigo, oito curtumes, uma fábrica de sabão, um engenho para lapidação de pedras e até uma oficina de tecelagem. (Aurélio Porto, 1935, página 51)

Outro dado importante dos primórdios de São Leopoldo encontramos em Oberacker: “A colônia de São Leopoldo exportava, em 1841, pouco tempo após os estragos causados pela Revolução dos Farrapos, mais de 311 contos de gêneros e produção do artesanato. Em 1857, orçava o valor das mercadorias entregues, em cerca de 500 contos, não se incluindo o apreciável montante de artefatos de couro”. (Aurélio Porto, 1935, página 288)



Curtume em Sapiranga

Sobre o trabalho das manufaturas, registramos importantes informações de São Leopoldo em 1857, também extraídas do livro de Oberacker: “O exemplo da Colônia Alemã de São Leopoldo ilustra, de modo mais claro, quão célere era o desenvolvimento manufatureiro nas colônias. No ano de 1857 contava, apesar do tremendo golpe sofrido com a Revolução dos Farrapos, as seguintes indústrias e profissões: 3 serralheiros, 23 ferreiros, 8 ourives, 4 latoeiros, 2 gravadores, 2 torneiros, 18 tecelões, 12 cesteiros, 10 vassoureiros, 12 alfaiates, 53 carpinteiros, 8 açougueiros, 3 tanoeiros e 2 cordoalheiros.” (Oberacker).



Ferraria da família Dienstmann em Estância Velha

Existiam ainda mais em São Leopoldo as seguintes oficinas e estabelecimentos: para fabricação de canoas, 8; de carroças: 4; de cigarros, 7; de charutos, 12; carvoarias, 8; serrarias, 5; moinhos para trigo movidos a água, 50; fábricas de cola, 4; olarias de cerâmicas, 3; chapelarias, 2; olarias de tijolos, 7; engenhos de farinha de mandioca, 80; engenhos de açúcar e alambiques, 28; lagares de óleo movidos a água, 30; fábrica de vinagre, 1; cervejarias, 5. (Oberacker, página 289)

Oberacker também registra que neste ano havia 32 curtumes em São Leopoldo, quase todos associados as selarias. “Naquele ano fabricaram os citados estabelecimentos 20.000 selas, quase todas destinadas a fins militares. Além disso, existiam ainda 16 tamancarias e 20 sapatarias, que produziam botas e sapatos para o exército e a população de todo o país. A exportação de artefatos de couro era, na época, estimada em 300 contos. Assim, começou aquela industrialização do couro, tão considerável nos municípios de São Leopoldo e Novo Hamburgo.” (Oberacker, página 291).





Olaria da família Blos em Campo Bom

Em 1871, o Império Brasileiro, em parceria com uma empresa inglesa, inicia a construção da primeira ferrovia do Rio Grande do Sul, ligando a capital da província, Porto Alegre, a pujante cidade de São Leopoldo e a localidade de Hamburgerberg, que vivia o maior crescimento entre as localidades que pertenciam a São Leopoldo na época.

A ferrovia gerou um novo boom econômico, como também, uma migração para Hamburgerberg, que passa a se chamar Novo Hamburgo. Industriais transferiram suas empresas para a localidade devido à facilidade no transporte de mercadorias. Famílias migraram para Novo Hamburgo em busca de oportunidades de emprego. No início da década de 1920, a população hamburguesa iniciou um movimento pela emancipação da sua localidade, que culminou em 5 de abril de 1927, quando o governador do Estado, Antônio Augusto Borges de Medeiros, assinou o decreto que concedia a Novo Hamburgo, o status de município.

A produção de cerveja

As narrativas dos viajantes europeus que visitaram a Stadtplatz de São Leopoldo nos anos posteriores a 1824, forneceram informações importantes sobre múltiplos aspectos cotidianos, tais como a geografia do local, alimentação, plantação e o cultivo de determinados gêneros, comportamento das pessoas e principalmente registravam aquilo que lhes parecia exótico.

Como exemplo de registro e descrição de aspectos pitorescos do cotidiano, um desses viajantes menciona o consumo de arroz na região. Ao referir-se ao consumo deste cereal na primeira metade dos anos 1800, o viajante suíço Carl Friedrich Gustav Seidler informava que o arroz integrava a ração básica dos militares que se encontravam acampados mais ao sul da província, muito provavelmente sendo proveniente, beneficiado e trazido da região sudeste do Brasil. Em registros anteriores e posteriores aos de Seidler, também Saint-Hilaire e Avé-Lallemant identificaram o consumo do arroz nas refeições que fizeram ao serem acolhidos e hospedados por anfitriões nas regiões que percorreram. Nessas ocasiões, o cereal integrava os cardápios, acompanhando pratos à base de carne cozida, ou assada (charque/seca ou fresca) a escolha da opção de carne dependia se o momento indicava uma ocasião especial ou não), farinha de mandioca ou milho.

Além do arroz, outros alimentos compunham as refeições básicas, tais como feijão, mandioca, abóbora e frutas da estação. Da mesma forma o cronista Gustav Seidler registra que os imigrantes da Europa Central destinados a São Leopoldo, por intermédio das autoridades governamentais “[...] mandavam construir-lhes pequena casa, e recebiam gratuitamente as sementes necessárias, como feijão, arroz, batatas, milho e mamona.³

Seidler, ao percorrer São Leopoldo em 1827, percebe haver um consumo relativamente baixo de cerveja, algo que se justificaria devido ao elevado custo da bebida em decorrência da importação da Inglaterra e de Hamburgo, que agregaria custos “por causa do transporte e dos impostos constantemente crescentes”, e que cervejeiros “estavam em vias de se estabelecer, que certamente aqui não de fazer bons negócios [...]”. Essa observação do viajante revela não apenas a predileção pela bebida, mas aponta a possibilidade do estabelecimento de novas relações produtivas, ao levar em consideração o conhecimento que os compatriotas tinham dos processos produtivos relacionados ao fabrico da cerveja: “os imigrantes se apegaram aos seus saberes e formam grupos que buscam reproduzir aspectos culturais; entre elas, destaca-se a fabricação de cerveja”.

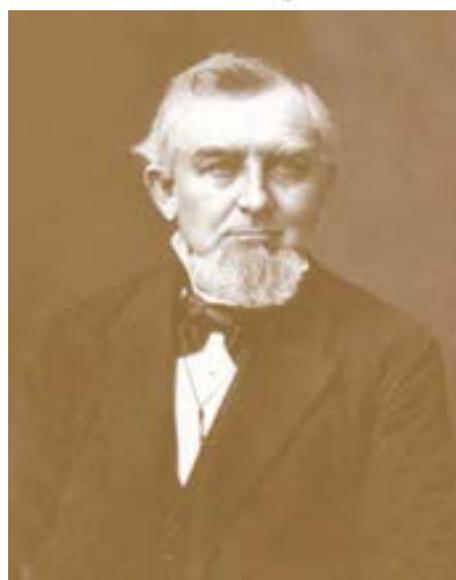
Ignaz Rasch, comerciante pioneiro de São Leopoldo, é citado no livro de Leopoldo Petry (1964) como comerciante de cerveja. É bem possível que ele tenha produzido esta cerveja. Rasch faleceu em 1835. Em 1845 já se produzia cerveja de forma caseira, em São Leopoldo, produção que era vendida na sede da cidade e na capital Porto Alegre.

A produção industrial de cerveja no Rio Grande do Sul iniciou com o empreendimento de Georg Heinrich Ritter, em 1847, na recém fundada localidade de Linha Nova. Georg Heinrich Ritter nasceu a 10 de março de 1823 em Kempfeld, na Renânia, era filho de Johann Heinrich Ritter e Caroline Juliane Roth, que imigraram para o Brasil e se instalaram na Linha Nova. Na Alemanha, aprendeu com o seu tio Roth, residente na Francônia, a arte de fazer cerveja, conhecimento que trouxe do velho mundo quando emigrou com os pais e irmãos em 1846.

³SEIDLER, Carl. Dez anos no Brasil. Belo Horizonte, MG; São Paulo, SP: Itatiaia: USP,1980, p.116

Georg Heinrich Ritter abriu a primeira casa comercial da localidade, ali funcionava a venda e um salão de baile. Ritter também foi fundador da primeira fábrica de cerveja no Rio Grande do Sul, sendo considerado o pai da cerveja no sul do Brasil. Foi no sótão de sua casa em 1868 que ele iniciou seus trabalhos como cervejeiro, aplicando os conhecimentos que havia adquirido anos antes com seus familiares na Alemanha. Anos mais tarde, seu irmão, filhos, sobrinhos e genros, expandiram seus negócios para Porto Alegre, Pelotas, São Lourenço e Rio Grande, fundado assim, uma rede de cervejarias nas mãos da família Ritter.

Em 1874 temos o primeiro registro de um cervejeiro em Nova Petrópolis, Albrecht Schwarzbold, conforme anúncio publicado no Koseritz Kalender. Também foram cervejeiros: Felipe Michaelsen, Carlos Spier, Conrado Gehrke e em Linha Imperial, José Neumann Sênior e Nicolau Kehl. A família Neumann foi proprietária da Cervejaria Colonial (De 1885 a 1933). Em 1936 havia 135 cervejarias no Estado do Rio Grande do Sul.



Georg Heinrich Ritter, cervejeiro de Linha Nova



Cervejaria Neumann em Linha Imperial, Nova Petrópolis, no início do século XX



A photograph of a row of large, mature trees with thick, light-colored trunks and dense canopies of yellowing autumn leaves. The trees line a path or road that is covered with fallen yellow leaves. The background shows more trees and a slightly hazy sky. The overall scene is peaceful and evokes a sense of a romantic or historic setting.

Cidades da Rota Romântica

São Leopoldo

São Leopoldo é reconhecida como o berço da imigração alemã no Brasil, a cidade-mãe de 40 cidades, inclusive de quase todos os municípios que pertencem a Rota Romântica. Apesar de suas raízes germânicas serem perceptíveis nas ruas, logradouros, educandários e até mesmo no nome da cidade, o município possui destacadas raízes indígenas, lusas, africanas e italianas. Pontos turísticos importantes são o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, o Museu do Trem e o antigo casario da família Blauth, ao lado do Rio dos Sinos. A Igreja Católica Matriz Nossa Senhora da Conceição, o antigo Seminário dos Padres Jesuítas, a Igreja do Relógio (da IECLB) e o Santuário do Padre Reus também estão no rol de visitação.



Na fotografia da década de 1880 é possível ver a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, bem como, entre as árvores, o Colégio São José, das Irmãs Franciscanas (ao centro) e o Ginásio Nossa Senhora da Conceição (à direita), dos Padres Jesuítas

O educandário mais antigo de São Leopoldo é o Instituto Rio Branco. Esta instituição de ensino foi fundada em 1826. Em 1869, os jesuítas fundaram o Ginásio Nossa Senhora da Conceição, o primeiro colégio de Ensino Médio do sul do Brasil.

Em 1909 foi fundado o Colégio de Formação em Língua Alemã para Professores Luteranos. Este educandário passou por dificuldades no período da Segunda Guerra Mundial, devido à proibição do idioma alemão. Posteriormente, foi transferido para a cidade de Ivoti. O prédio que abrigou o colégio está localizado em frente da Praça do Imigrante, onde está localizado o Monumento ao Imigrante Alemão, no centro da cidade.



Um dos registros mais antigos da Igreja de Confissão Luterana do centro de São Leopoldo

Na cidade, está localizada a Casa Provincial da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, que possuem em São Leopoldo a sua sede, o Colégio São José e o Lar Santa Elisabeth. Os jesuítas - que em 1910 fecharam o Ginásio Nossa Senhora da Conceição para Porto Alegre - fundaram, em São Leopoldo, a Unisinos, universidade reconhecida pela sua excelência e por possuir, em seu Campus, uma das maiores bibliotecas da América Latina. As Irmãs Carmelitas também têm sua Casa Provincial em São Leopoldo.



O Lar Santa Elisabeth, das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã

Novo Hamburgo

Novo Hamburgo possui uma das maiores populações (227 mil habitantes) e uma das maiores economias do Estado do Rio Grande do Sul. Fundada em novembro de 1824 com a chegada dos primeiros imigrantes alemães para o Vale do Sinos, pertenceu durante 103 anos da sua história, a cidade de São Leopoldo, sendo seu segundo distrito no período da emancipação. Na sua emancipação, em 5 de abril de 1927, a riqueza gerada em Novo Hamburgo era maior que a dos estados do Piauí, Mato Grosso, Amazonas e Espírito Santos juntos. Quando se tornou cidade, era a maior economia do Estado, perdendo apenas para Pelotas, que até 1929 era o município mais rico do Rio Grande do Sul.

Ao longo de sua história, Novo Hamburgo atraiu diversas correntes migratórias, a maior delas no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 do século passado, período em que a cidade quadruplicou sua população.



Hamburgo Velho, onde a cidade começou

A cidade possui o museu comunitário, a Casa Schmitt-Presser, uma antiga casa comercial e residência de uma família de imigrantes, construída por volta de 1830. É considerada a residência mais antiga do município. Ao seu lado, está localizada a Fundação Ernesto Frederico Scheffel, que possui aproximadamente 400 pinturas de um único autor, o artista plástico patrono do espaço, que foi o principal responsável pela preservação do centro histórico de Hamburgo Velho. As igrejas Três Reis Magos e Nossa Senhora da Piedade simbolizam os primeiros templos das igrejas de Confissão Luterana e Católica, mesmo tendo sido construídos no século XX. Uma propriedade particular do centro histórico também chama a atenção: a Casa Kayser, datada de 1847, propriedade particular que foi restaurada e que é possível visitar.



A Casa Kayser, à esquerda, ao lado da Fundação Evangélica, instituição de ensino que na época atendia somente meninas de Confissão Luterana

Na parte sul do centro histórico está localizado o Parcão – como é denominado o Parque Henrique Luis Roessler. A área é próxima das terras de um imigrante, o lote da família Schmitt, que incrivelmente permaneceu intacto por um século e meio, até que fosse transformado numa área de proteção ambiental. Em Hamburgo Velho também é interessante conhecer a Igreja Três Reis Magos, a Igreja Nossa Senhora da Piedade, bem como, bem próximo dali, o monumento ao imigrante alemão, construído sobre o primeiro lote de terras que um imigrante (Johann Liborius Mentz) ganhou no que hoje é a cidade de Novo Hamburgo. No centro de Novo Hamburgo estão localizadas a Igreja Ascensão (IECLB), em estilo gótico, a Igreja Luterana São Paulo (IELB) e a Catedral Basílica São Luiz.





Uma vista de Hamburgo Velho na década de 1920

A cidade também possui o Santuário das Mães, localizado num monte na área noroeste do município, que tem como copadroeiro São Wilibrordo, santo do Grão-Ducado de Luxemburgo. A localidade é marcada por monumentos que simbolizam aspectos importantes para o desenvolvimento da cidade, o monumento à Bíblia, onde está localizado o Parque Floresta Imperial, o Monumento ao Sapateiro, na rótula localizada em frente ao Colégio Marista Pio XII, lembrando a maior vocação da cidade, área que chegou a ter 60 mil postos de trabalho (incluindo não só Novo Hamburgo, como a região).



Monumento ao Imigrante, inaugurado em 1927

Casa Schmitt-Presser

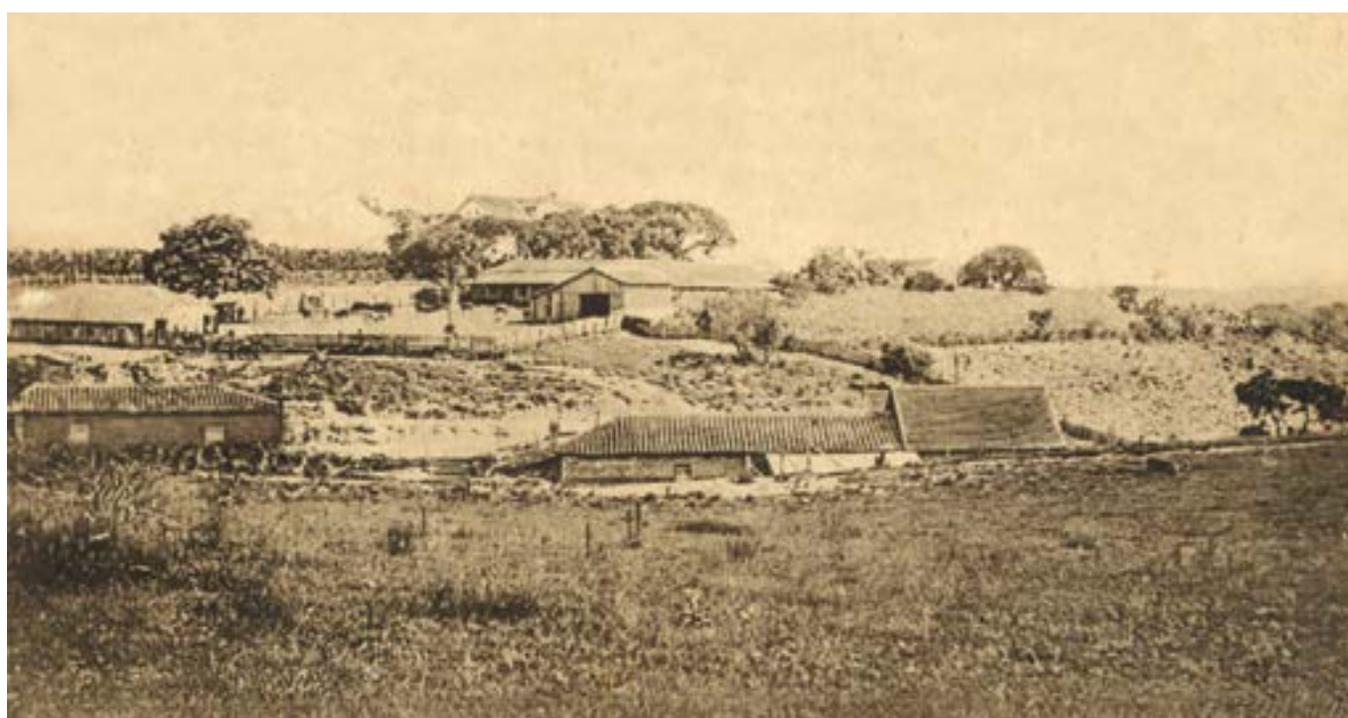
A Casa Schmitt-Presser, em Hamburgo Velho, era uma antiga casa comercial que pertencia à família Schmitt. Em 1830, a casa foi comprada pelo comerciante Johann Peter Schmitt, natural de Bechenheim, em Hessen. Schmitt viveu nesta residência até o seu falecimento, em 1868. Ele casou duas vezes, pois a primeira esposa faleceu no parto do quarto filho. No segundo casamento, teve mais dezesseis filhos. Vários de seus filhos, netos e bisnetos foram comerciantes, uma profissão muito rentável para a época. A Casa Schmitt-Presser foi por quase um século e meio, o lar de diversas gerações da família Schmitt. Em 1918, a construção foi ampliada, sendo construído um andar para baixo, como em algumas outras casas do seu entorno. Na década de 1980, a casa foi salva devido ao trabalho do artista plástico Ernesto Frederico Scheffel, principal responsável pela preservação do bairro histórico de Hamburgo Velho. Este ponto de Novo Hamburgo possui o maior conjunto de casas antigas em se tratando de cidade integrada à Rota Romântica. Scheffel também criou a Fundação Ernesto Frederico Scheffel, com exposição permanente de aproximadamente 400 obras de sua autoria.



Casa Schmitt-Presser antes do rebaixamento da rua

Estância Velha

Estância Velha era uma antiga estância muito maior que sua atual área territorial, no período da chegada dos imigrantes alemães ao Vale do Sinos. Compreendia boa parte do município de Novo Hamburgo, bem como, Campo Bom e São Leopoldo. No início da imigração, o governo imperial mediu e iniciou a distribuição de 62 lotes, uma parte deles na área do atual município de Estância Velha. Entre as famílias pioneiras estavam: Ahrens, Behs, Blauth, Bopp, Closs, Dhein, Dietrich, Ebling, Einsfeld, Förnges, Frank, Franke, Fries, Geibel, Gerhard, Haack, Jung, Kern, Krumm, Lauer, Lautert, Leuck, Ludwig, Mattes, Musskopf, Müller, Nabinger, Pitschmann, Reinheimer, Riegel, Ritter, Scherer, Schreiner, Schüler, Schwingel, Stahlhöfer, Trein, Wasum, Weber, Wilz e Zang, entre outras.



O registro fotográfico mais antigo que temos de Estância Velha, a antiga Estância

No início da localidade, todo o contingente populacional de Estância Velha professava a fé luterana. Os primeiros pastores que atenderam Estância Velha eram de Hamburgo Velho. A comunidade foi fundada em 1845. A construção do primeiro templo, iniciada em 1851, só foi concluída em 1853. Neste período, os luteranos tinham restrições por parte do império brasileiro e não podiam ter um templo com torre e sino e também com ornamentações que simbolizassem que ali estava localizada uma igreja.

Em 1926, a comunidade foi integrada ao Sínodo Riograndense, fundado em 1886, em São Leopoldo. Neste período, Estância Velha contava com 271 famílias, totalizando 1.355 pessoas. Os pastores pioneiros também foram professores. As gerações antigas de Estância aprenderam a ler e escrever nas mãos destes religiosos evangélicos de Confissão Luterana. A comunidade católica foi fundada em 1932 e inicialmente os fiéis eram atendidos pelo padre da paróquia de Ivoti. Em 1938 foi lançada a pedra fundamental da Capela Sagrado Coração de Jesus. Em 1959 a comunidade, que já contava com 400 famílias, foi elevada a paróquia pelo bispo Dom Vicente Scherer.



Registro fotográfico da primeira igrejinha a atender os imigrantes de Estância Velha



Bênção da pedra fundamental da Igreja Católica, segunda madrinha, Geny Hennemann, em 1958

O couro virou um artigo de qualidade nas mãos dos imigrantes alemães e seus descendentes. A década de 1890 é reconhecida pela tradição local como a década de início das atividades coureiras em Estância Velha, a princípio voltada à fabricação de selas e acessórios para montaria e mais tarde dedicada ao curtimento de couros e peles e produção de calçados. Vários estancienses se dedicaram à área empresarial, fundando empresas familiares, principalmente os curtumes, devido à demanda das empresas calçadistas na região. Foram criados, no início do século XX, o curtume de Germano Dauernheimer, o de Carlos Adolfo Sauer, o Bender e Schuck, o Leuck e Mattes e o curtume Ritter.



O curtume Bender nos idos de 1920

Importante também destacar as formas de sociabilidade e diversão, que resultaram na fundação da Sociedade Canto União. No ano de 1892, seis senhores de Estância Velha (pastor August Zanders, Carlos Blauth, Adam Mattes, Jacob Dienstmann, João Mattes e Peter Mattes) reuniram-se para cantar na casa de Jacob Dienstmann e criaram o grupo de canto chamado Gesangverein Einheit, ou Sociedade de Canto União. O primeiro presidente assumiu dia 4 de julho de 1894 e a primeira sede foi adquirida de Peter Schreiner Simonis em 18 de agosto de 1903.

Em 30 de maio de 1916 um incêndio queimou toda a sede e em 23 de janeiro de 1917, os sócios compraram outro terreno, ao lado do prédio que queimou. A nova construção foi inaugurada no dia 14 de outubro de 1917 e foi demolida na década de 1980, quando a nova sede foi construída.



Os sócios da Sociedade de Canto União reunidos na década de 1890



Um panorama de Estância Velha na década de 1940



Ivoti

Ivoti foi fundada nos primórdios da imigração alemã, como um povoado pertencente a São Leopoldo, de maioria luterana em seu início. A comunidade de Confissão Luterana foi atendida inicialmente pelos pastores Johann Peter Christian Haesbert, Carl Friedrich Wegel, Paul Wilhelm Ludwig Sudhaus, Wilhelm Richard Kreutzer, Theophil Dietschi e Julius Sporket.



O primeiro registro da comunidade de Confissão Luterana de Ivoti, no final do século XIX

Já a comunidade católica teve início em 7 de dezembro de 1834, ligada à comunidade católica de São Leopoldo. As terras da primeira capela foram doadas pelo imigrante Gaspar Isaias Noll e sua esposa Maria Anna Noll. Nesta mesma data foi criado e aprovado um estatuto para a comunidade. Já em 1842, foi construída a primeira escola paroquial de Bom Jardim. Em 1º de janeiro de 1847, a comunidade recebeu o imigrante Mathias Schütz, professor, que por 50 anos foi professor na escola paroquial de Bom Jardim. Em 1848 foi inaugurada a escola paroquial em Picada Feijão. Em 13 de agosto de 1849, o padre Agostinho Lipinski celebrou a primeira missa em língua alemã na localidade. A partir de então, os habitantes passaram a ser assistidos pelo padre Lipinski de Dois Irmãos e pelo padre João Sedlak, de São José do Hortêncio. Em 4 de novembro de 1867 foi criada a freguesia de São Pedro do Bom Jardim, desmembrada da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo. Em 10 de fevereiro de 1869 foi fundada a paróquia, que

passou a atender também as comunidades de 48 Colônias, Picada Feijão e Picada Schneider. Neste tempo, o imigrante Johann Finger esteve à frente desta comunidade católica. Foi também em Bom Jardim (Ivoti) que faleceu o primeiro missionário jesuíta, Francisco Ruhkamp, após ter o pé preso no estribo e ter sido arrastado pelo cavalo.



Lideranças da Paróquia São Pedro de Ivoti, reunidos no início da década de 1930

Ivoti possui no denominado Núcleo de Casas Enxaimel, um grande conjunto de casas enxaimel preservadas na região norte da cidade, na área agrícola. Para chegar ao núcleo é necessário passar pela Ponte do Imperador. As informações que possuímos nos dão conta de que a ponte foi construída entre as décadas de 1850 e 1860. Ela foi construída para o transporte de pessoas e mercadorias já que as terras do outro lado do rio eram muito cultiváveis nesta época.

Imigrantes alemães e africanos construíram a ponte, com recursos próprios, bem como, com apoio do Governo Imperial e da administração da Província do Rio Grande do Sul. A ponte, que no passado foi de extrema importância para o transporte e para o desenvolvimento econômico local, se tornou um dos pontos históricos mais bonitos da região e representativos de Ivoti.



O comércio tornou-se uma área muito lucrativa nas primeiras décadas da presença alemã no Rio Grande do Sul. A proximidade com o Rio dos Sinos e no caso de Bom Jardim, a proximidade com Dois Irmãos e São José do Hortêncio, facilitava o escoamento da produção, a compra e venda de mercadorias. Famílias se dedicaram ao comércio e também facilitavam os caminhos de seus filhos nesta área, devido a força econômica das casas comerciais e com isto, a influência que os comerciantes tinham nas colônias onde residiam. Não raramente, muitos destes comerciantes também se dedicaram à política, já que na época, para votar e receber o voto, era necessário possuir um bom capital. Portanto, participar da política era um privilégio para os mais aquinhoados.



Salão e casa comercial da família Hörlle

Na área da educação, destacamos vários mestres que educaram os habitantes de Bom Jardim: Peter Noschang, Johann Philipp Allgayer, Peter Kuter Sohn, Peter Tatsch, Johann Friedrich Schrader, Gustav Haas, Philipp Konrad, Julius Mäder, Friedrich Kuchler, Wilhelm August Taegtow e Werno Drehmer. De alguns, temos apenas o sobrenome, tais como: Nienow, Herzer, Rosenthal e Ahrendt.



Professor Ahrendt em Ivoti

Presidente Lucena

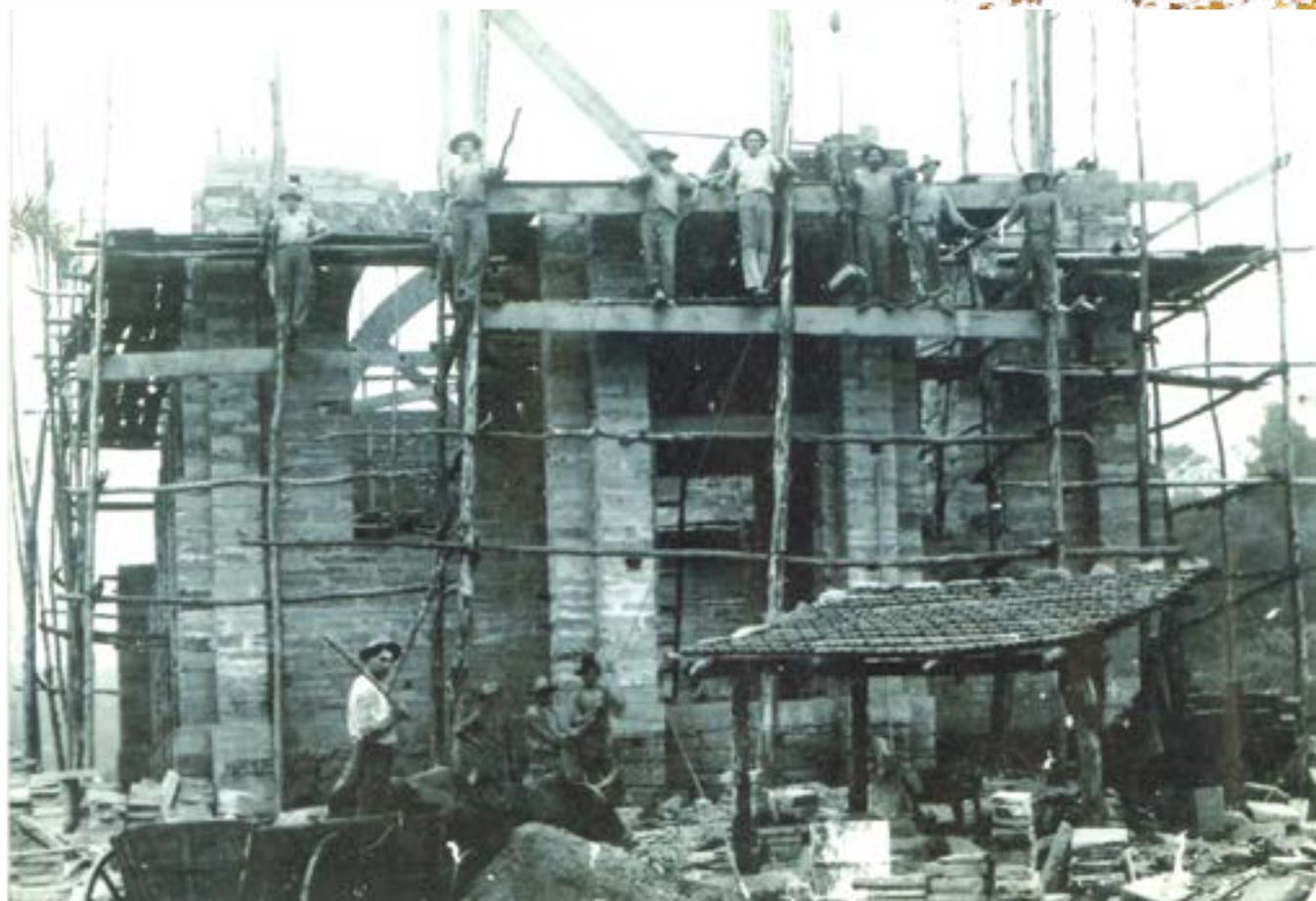
A própria estrada Presidente Lucena era antigamente um travessão que fazia a divisa da parte sul dos lotes de terras dos imigrantes estabelecidos em Nova Vila (São Sebastião do Caí), ao lado oeste e em Picada Café (São Leopoldo), no lado leste. Por isto, não havia um povoado formado nesta área, já que a linha divisória que hoje forma a Avenida Presidente Lucena era os fundos das duas picadas. Sabidamente os primeiros povoados do que hoje formam a cidade de Presidente Lucena são as regiões de Philippstal, Linha Nova Baixa e a Picada Schneider. Esta última foi fundada pelo casal Peter Schneider e Margaretha Strohm, provenientes da Picada Verão, na época Dois Irmãos.



A antiga capelinha da Picada Schneider, importante local para a religiosidade, tendo em vista a distância da Paróquia São Pedro e Bom Jardim, que atendeu por décadas a comunidade

O imigrante Peter (Pierre) Schneider, casado com Margaretha Strohm (Strom), veio da localidade de Neuforweiler, próximo a Saarlouis, no Sarre (Saarland) – Alemanha. Nasceu no dia 26.11.1788 em Neuforweiler, quando essa localidade pertencia à França. O imigrante era filho do agricultor Johann (Jean) Schneider e de Anna Bouché. Era católico e sapateiro, de profissão. Casou com Margarethe Strohm no dia 29.12.1816 (no civil) e em 16.01.1817 (no religioso) na Paróquia de Neuforweiler. O casal teve sete filhos em Neuforweiler. Uma filha faleceu com 12 dias de idade. Peter Schneider veio para o Brasil em 1828, com a mulher Margaretha Strom e seis filhos, tendo uma filha falecido na travessia do Atlântico.

Peter, Margaretha e família partiram de Bremerhaven no Olbers no segundo semestre de 1828. Chegaram em dezembro daquele ano ao Rio de Janeiro. Emigraram com seis filhos (Johann, Peter, Engel, Anna, Suzana e Paul), mas Suzana faleceu durante a viagem transatlântica. Aqui no Brasil, o casal teve mais sete filhos. Segundo os cálculos do padre Theodor Amstad, em seu livro “Cem Anos de Germanidade”, o casal Schneider teve 14 filhos, 114 netos, 957 bisnetos e 1.575 trinets. Eles compraram estas terras e ali residiram, além de uma parte de sua descendência. Peter Schneider e Margaretha Strom estão enterrados no Cemitério Católico de Picada Schneider.



A construção da nova Igreja Católica de Presidente Lucena, de 1936 a 1940

O atual centro de Presidente Lucena se desenvolveu após a abertura da estrada de Presidente Lucena, o antigo travessão que fazia a divisão das duas cidades: São Leopoldo e São Sebastião do Caí. Gradativamente, o centro foi transferido para esta região, que passou a contar com estabelecimentos comerciais, escola e igreja.

Dois Irmãos

Dois Irmãos está entre as primeiras localidades fundadas pelos imigrantes alemães na região de São Leopoldo. Seus moradores pioneiros eram provenientes de diversas localidades, a maioria da Renânia e de Saarland. Diferente das outras localidades da região, em Dois Irmãos havia um número aproximado de 50% da população representada por famílias católicas. Nos demais povoados do entorno, a maioria das famílias era de Confissão Luterana.



A localidade de Dois Irmãos, nos idos de 1920. À esquerda, a antiga Igreja Matriz São Miguel

O povoado foi reconhecido por diversos nomes, como Baumschneis, Picada Baum e Picada dos Baum, mas oficialmente como São Miguel dos Dois Irmãos, referência ao santo padroeiro da localidade, São Miguel, e Dois Irmãos referente aos morros semelhantes em tamanho e altura, na localidade de Travessão, próximo da divisa com Novo Hamburgo.



Antiga casa comercial da família Rausch, em Dois Irmãos



Os sapateiros de Dois Irmãos: Syrio Braun (à esquerda), Pedro Albano Braun (à frente) e Walter Braun (atrás, de boina), no ano de 1949

Entre os três primeiros religiosos católicos de língua alemã no Rio Grande do Sul, um deles, o padre jesuíta Agostinho Lipinski, se estabeleceu em Dois Irmãos. É de Lipinski um dos primeiros relatos aos seus superiores da Companhia de Jesus, descrevendo a localidade nos seus primórdios. Nos idos de 1900, os luteranos dos Estados Unidos se estabeleceram em Dois Irmãos.



As alunas das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, em Dois Irmãos



Templo da IELB em Dois Irmãos

Na Avenida São Miguel está localizada a antiga Igreja Matriz São Miguel (1880), atual espaço público para eventos, bem como, a Sociedade de Canto Santa Cecília (1927), a Sociedade Atiradores (1897), a Escola Imaculada Conceição (1990), a Igreja Evangélica de Confissão Luterana (1855) e a Igreja Evangélica Luterana (1935), assim como várias antigas residências, inclusive no estilo enxaimel.



A antiga Igreja Matriz, atualmente espaço para eventos

Dois Irmãos também tem seus bairros rurais, o mais antigo deles, o Travessão, que antigamente era conhecido como Schwabenschneis, Picada dos Sábios. No Travessão, está localizado o cemitério mais antigo de Dois Irmãos, com lápides de vários imigrantes evangélicos de Confissão Luterana. O Cemitério Evangélico do centro da cidade também possui muitas lápides antigas de imigrantes alemães e seus descendentes.

Morro Reuter

Morro Reuter tem como cidade-mãe Dois Irmãos e, originalmente, pertencia como povoado a São Leopoldo. No início do povoamento, os imigrantes eram provenientes do Grão-Ducado de Luxemburgo, além das regiões da Renânia e do Sarre. A primeira localidade de Morro Reuter, Walachai, foi fundada em 1829 pelo imigrante luxemburguês Matias Mombach. Posteriormente, os imigrantes fundaram outras localidades, tais como: São José do Herval, Picada São Paulo e Frankenthal, entre outras. A antiga estrada, que fazia a ligação pelo interior de colonização alemã, era um trajeto muito diferente do atual principal acesso via BR-116. Isso explica por que o centro da cidade de Morro Reuter era originalmente um pequeno povoado. No início do século passado, o povoado cresceu e teve um desenvolvimento maior devido à construção da rodovia federal e de novos caminhos para o transporte de mercadorias e pessoas.

O centro da localidade se desenvolveu rapidamente e, em 1959, Morro Reuter passou a pertencer à cidade de Dois Irmãos. Emancipou-se em 20 de março de 1992, quando uma nova fase para a localidade, que passa por um período de desenvolvimento.

Morro Reuter é conhecida por ser a terra de boa parte dos primeiros cafés coloniais da região da Rota Romântica. A lavanda é flor-símbolo de beleza e também da economia, que a cultiva e a transforma em diferentes produtos estéticos e até alinhadas com a gastronomia.



Encontro dos Büttgenbender, Dapper, Grings e Wendling em Walachai, Morro Reuter, descendentes de Mathias Mombach.



Em frente ao armazém dos Kieling em São José do Herval, Morro Reuter, na década de 1910.

Santa Maria do Herval

Santa Maria do Herval é conhecida como a terra da batata. Sobre a batata temos uma interessante história sobre suas raízes na América, seu transporte para a Europa e sua popularização no Velho Continente. O Herval passou a ser ocupado entre 1835 e 1838. A ocupação da terra iniciou pelo Morro dos Bugres, conhecido inicialmente como Bucherberg, Morro dos originários da localidade de Buch, no Hunsrück, região de onde era proveniente a maioria dos imigrantes. O terreno acidentado dificultou o trabalho dos imigrantes não somente daqueles pioneiros.

Entre os primeiros habitantes de Morro dos Bugres estavam os Dapper, Kaefer, Kasper, Mallmann, Schneider, Weber, Bender, Knorst, Wiest, Müsnich, entre outros. A primeira capela, em honra a São Francisco Xavier, foi fundada em 1849, nas terras de Nicolau Weber, que as doou para a construção da capela, escola e cemitério. Nicolau Müsnich foi o primeiro professor de Morro dos Bugres, considerado também o primeiro professor da escola comunitária do que hoje é Santa Maria do Herval.

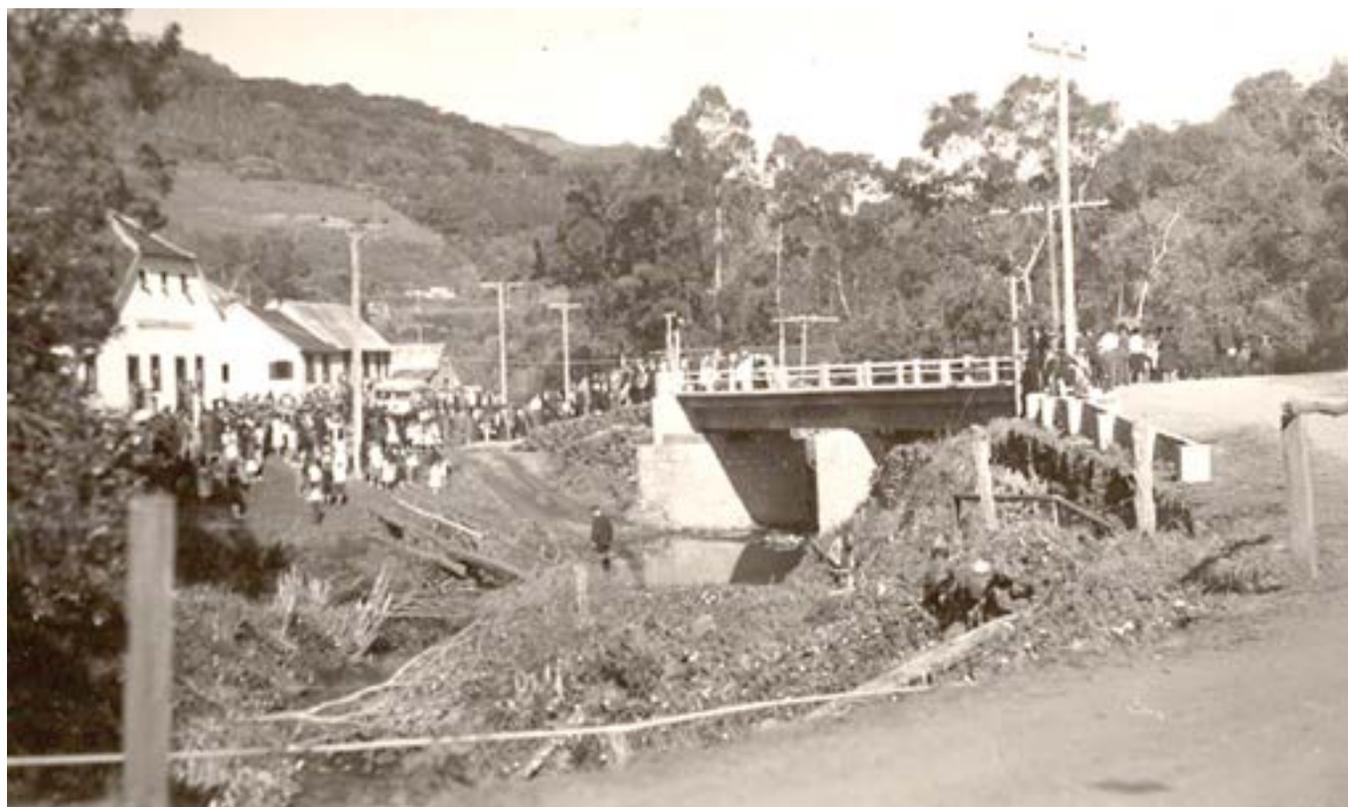
Em 1853 chegaram 55 povoadores ao Herval. A construção da primeira capela na área mais central foi iniciada em 1860 e concluída em 1862. O trabalho foi realizado por 12 famílias católicas em uma área de terras comprada do imigrante Peter Vier. No início do século passado, o governo municipal de São Leopoldo (do qual o Herval pertencia como distrito), construiu uma estrada que ia de Boa Vista do Herval até Sapiranga, para o escoamento da produção agrícola. Os moradores decidiram então, pela construção de uma capela de alvenaria próxima ao Rio Cadeia, formando a partir daí, o que hoje é a região central de Santa Maria do Herval.



Santa Maria do Herval



Antiga estrada entre Novo Hamburgo e Santa Maria do Herval



Inauguração da ponte do Rio Cadeia, em 1965, em Santa Maria do Herval

Linha Nova

Linha Nova teve início em 1847, como uma localidade criada apenas para imigrantes de Confissão Luterana. Ali surgiu a primeira cervejaria do Rio Grande do Sul e uma das primeiras do Brasil. Nessa pequena localidade moravam alguns dos líderes dos Mucker (movimento religioso que surgiu na segunda metade do século XIX e foi dizimado pelo exército do Império). Nas terras de Linha Nova, o protestantismo surgiu com força e um de seus maiores líderes no Estado, o pastor Hunsche, foi, por décadas, o pároco da comunidade.

Na localidade encontram-se casas antigas e nessas casas onde ainda há baús trazidos pelos imigrantes, acham-se caixas de fotos antigas, passaportes, documentos e uma série de outros objetos que contam por si só a história dos imigrantes alemães do século XIX e de seus descendentes do início do século XX.

A primeira cervejaria, o antigo salão de baile, o cemitério com as lápides antigas, as sepulturas onde repousam os imigrantes, a Igreja Evangélica com sua pequena torre, as casas enxaimel, tudo isso preservado até os dias de hoje em uma comunidade que ainda conserva costumes de seus ancestrais e que se manteve unida durante décadas através da religião.



A localidade de Linha Nova, no início do século XX





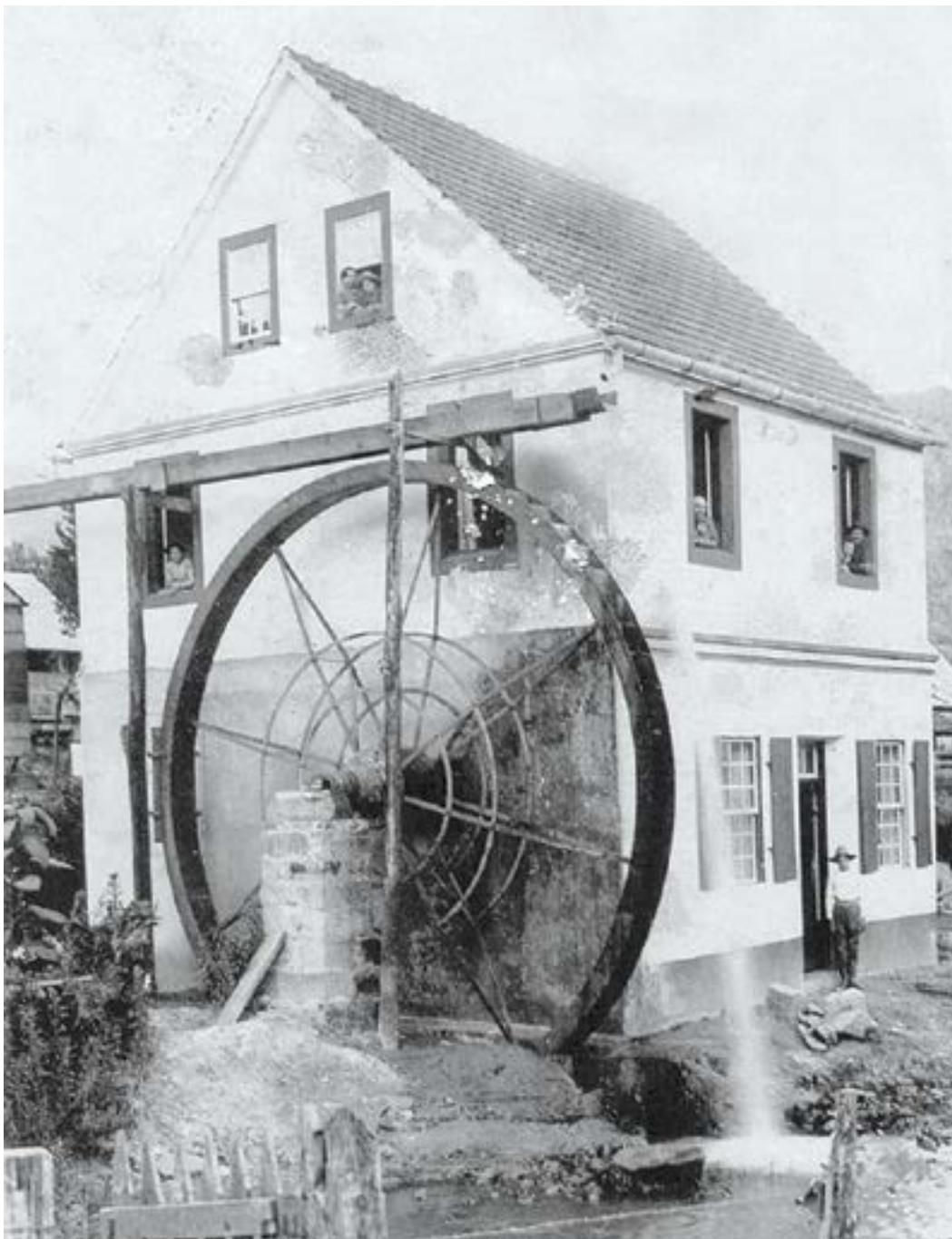
A antiga casa comercial e salão de baile da família Ritter, onde o pastor Heinrich Hunsche ficou hospedado em seus primeiros meses em Linha Nova

Picada Café

O Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn possui um conjunto de construções importantes da região colonial de colonização alemã: a antiga casa comercial do pai de Jorge, Cristiano Kuhn; o moinho construído por seu primo e cunhado José João Stoffel; e o açougue da família Kuhn. Próximo dali também está localizada a antiga casa comercial da família Wittmann, propriedade particular que preserva vários objetos e um acervo histórico importante para a comunidade.



Vista da BR-116 recém construída e ainda sem asfalto, em Picada Café (1942). No primeiro plano, o Moinho de José João Stoffel (que já foi sede da Rota Romântica). Ao fundo, galpões, matadouro, açougue, armazém residência e hospedaria de propriedade de Jorge Kuhn.



O moinho da família Kuhn Stoffel em Picada Café, hoje pertencente ao Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn

Em Picada Café também há o roteiro das igrejas e capelas, que passa por locais importantes para a religiosidade, como também para a cultura, história e arquitetura. O roteiro passa pela Igreja Santa Joana Francisca de Chantal, Capela Sagrado Coração de Jesus, Igreja São João, Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a Capela Nossa Senhora da Visitação.

A Comunidade Evangélica de Picada Café foi constituída em 1851 e em 1861 foi constituída uma segunda comunidade, que por volta de 1891 se fundiram numa mesma comunidade. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana possui a Igreja São João, construída em 1896, sob supervisão do pastor Heinrich Hunsche, na época residente em Linha Nova, que atendia a população luterana de Picada Café.



A Comunidade Católica de Picada Holanda reunida devido a ordenação do padre João Wittmann, em 1936

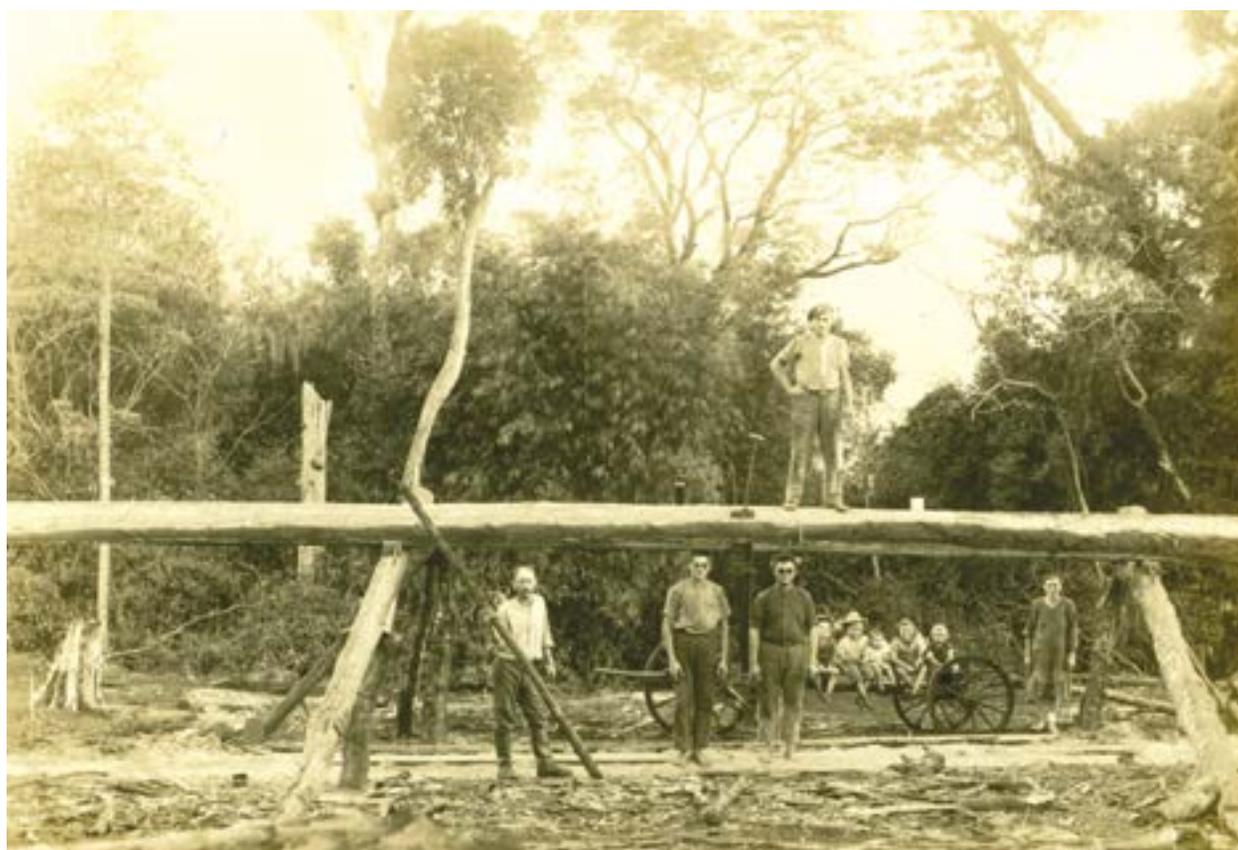


Procissão no Jammertal, interior de Picada Café, em frente da capela Sagrado Coração de Jesus

No interior da cidade de Picada Café, na localidade conhecida como o Vale das Lamentações (Jammertal em alemão), há uma igreja muito antiga, conhecida como Capela do Sagrado Coração de Jesus. Ali há um vitral de São Leopoldo. O santo Leopoldo, conhecido como Leopold von Babenberg, o conde austríaco que viveu no século XII e que por ter defendido o catolicismo, se tornou santo e posteriormente o padroeiro do Império Austro-Húngaro, hoje Áustria. No início do século XX, a população da localidade de Novo Hamburgo (então segundo distrito de São Leopoldo), construiu uma grande igreja na área central, conhecida como Igreja São Luiz. O arquiteto responsável pela obra, Franz Joseph Seraph Lutzenberger, solicitou a construção de vitrais, entre eles do santo Leopoldo. O detalhe curioso é que São Leopoldo (no vitral) carrega a antiga Igreja São Luiz em seu braço esquerdo. Quando a igreja foi demolida para a construção do novo templo (que se tornou Catedral), o vitral foi desmanchado cuidadosamente e encaixado numa das janelas da Igreja Sagrado Coração de Jesus do Jammertal, interior de Picada Café, onde está localizado até hoje.

Nova Petrópolis

Nova Petrópolis foi fundada em 1858, depois que os imigrantes pioneiros já haviam se estabelecido nas primeiras colônias e arredores. Neste período, vieram imigrantes de diversas regiões dos Estados Germânicos, bem como de Luxemburgo, que já era um país nesta época. O nome era em homenagem a Dom Pedro II, o Imperador na época. A colônia de Nova Petrópolis, pertencente a São Sebastião do Caí, tinha originalmente 35 mil hectares.



O trabalho manual era necessário para sobrevivência, especialmente nas primeiras décadas de desenvolvimento da localidade

Foi uma colônia essencialmente luterana, graças à procedência das famílias: Pomerânia, Saxônia e região de Hannover. Os luteranos eram atendidos inicialmente pelos pastores de Linha Nova. Os católicos provenientes do Hunsrück, da Boêmia e de Luxemburgo, fundaram a Linha Imperial e Pinhal Alto, e eram atendidos pelos padres de São José do Hortêncio. Segundo os registros do primeiro padre a atender Nova Petrópolis (Kellner) era mais necessário saber andar a cavalo do que caminhar, por causa das condições de trafegabilidade das estradas. Em 1860, o padre relata: “Gente que veio pobre da Europa aqui se torna grande proprietário. Diariamente vai chegando mais gente da Alemanha, da região de Hamburgo. Seguem para Nova Petrópolis”. O primeiro administrador desta colônia foi Wilhelm Bartholomay, um Brummer, ex-soldado que veio para o Brasil no ano de 1851.

Linha Imperial possuía uma maioria de imigrantes de origens boêmias, mas também do Hunsrück, do Luxemburgo e de Saarland. A contribuição destes imigrantes e seus descendentes para o desenvolvimento da localidade era nítida. Os imigrantes vindos nestas levas posteriores possuíam maior formação, em geral técnica, e se dedicaram a diversas áreas. Eles criaram escolas comunitárias, construíram moinhos, serrarias, cutelarias, sapatarias, fábricas de queijo, ferrarias, olarias e cervejarias. Construíram capelas, igrejas e associações culturais e esportivas.



Serraria de Adolfo Michaelsen na Linha Olinda, interior de Nova Petrópolis

Quando Heinrich Hunsche, o primeiro pastor com formação na Alemanha a atender a região, se estabeleceu em Linha Nova, esta localidade e o povoado de Nova Petrópolis eram atendidos por Philipp Andreas Weber (1813-1879), proveniente da região de Birkenfeld, que não tinha formação em Teologia e que inicialmente atendia gratuitamente estas comunidades (Linha Nova, Nova Petrópolis e São José do Hortêncio). Devido aos problemas do “pastor prático” com o alcoolismo, membros da comunidade relataram a situação ao pastor Dr. Borchard, de São Leopoldo. Quando Hunsche se estabeleceu em Linha Nova, Weber transferiu-se a Nova Petrópolis, onde atendeu a comunidade e permaneceu até o seu falecimento em 1879. O “Pastor” Weber foi enterrado num cemitério particular, posteriormente denominado como “Webersche Kirchhof (Cemitério da Gente do Weber)”, aproximadamente um quilômetro depois da comunidade de Linha Imperial, em direção a Gramado.



A comunidade de Linha Imperial, no início do século XX

Nova Petrópolis também é berço do cooperativismo na América Latina. Em Linha Imperial, Nova Petrópolis, o padre suíço radicado em São Sebastião do Caí na época, Theodor Amstad, fundou, com lideranças locais, a Spaarkasse, Caixa de Crédito Rural, primeira cooperativa de crédito da América Latina. A experiência de Amstad, que conheceu os modelos cooperativos da Inglaterra (De Rochdale) e da Alemanha (Sistema Raiffeisen), e que fazia um vasto trabalho de campo no atendimento religioso às famílias, estando a par da situação política, social e econômica do país, possibilitou a materialização e a organização desta cooperativa.



O padre Theodor Amstad e lideranças religiosas e da área da educação, em Dois Irmãos

Um dos mais destacados imigrantes de Nova Petrópolis foi Anton Maria Feix, o primeiro presidente da cooperativa rural (Spaarkasse), luterano e maçom. Foi homeopata e muito se dedicou a esta área. Os Hillebrand se dedicaram ao ensino, iniciando a trajetória familiar com Franz Hillebrand, que também foi membro da Associação dos Agricultores e secretário da Spaarkasse. Os Oppitz e os Klemen foram marceneiros; os Raimann e os Hausmann sapateiros; os Krause carpinteiros.



Josef Neumann, um dos primeiros gerentes da cooperativa em Linha Imperial, Nova Petrópolis

Muitas destas famílias se tornaram numerosas e, portanto, também não havia terras e oportunidades para todos, Linha Imperial é o berço destas famílias, que emigraram para Cerro Largo, Santo Cristo, Horizontina (no Rio Grande do Sul), Itapiranga (em Santa Catarina) e Puerto Rico (na Argentina).



Despedida de um imigrante para as Novas Colônias, na foto seus colegas da Sociedade de Canto



Residência de uma família em Nova Petrópolis, no início do século

Um dos locais mais visitados em Nova Petrópolis é o Parque Aldeia do Imigrante (um conjunto de casas em estilo enxaimel, com uma igrejinha, ferraria, escola e um pequeno salão de baile), construído com casas originais que foram desmontadas e reconstruídas no parque inaugurado em 1998.



Parque Aldeia do Imigrante

São Francisco de Paula

O antigo caminho dos tropeiros que transportavam gado do Rio Grande do Sul a São Paulo. Seu povoamento teve início quando Pedro da Silva Chaves doou uma das suas áreas de terras para a fundação e formação de um povoado e neste local foi construído uma igreja batizada por Chaves de São Francisco de Paula, santo de devoção.

O povoado mantinha o nome de Freguesia de Cima da Serra que se tornou município de São Francisco de Paula de Cima da Serra em 1898. Em 1889, o município foi anexado a Taquara novamente, depois reconstituído e distinguido de novo em 1892 e, finalmente, emancipado de Taquara em 1903.

São Francisco de Paula, carinhosamente conhecida como São Chico, é um refúgio sereno na Serra Gaúcha, famoso por suas paisagens naturais exuberantes e sua rica herança cultural. A localidade, que remonta ao século XVIII, foi inicialmente uma rota de tropeiros e aventureiros, desempenhando um papel essencial na conexão entre o litoral e o interior do Rio Grande do Sul. Hoje, São Francisco de Paula mantém viva essa tradição de acolhimento e passagem, convidando visitantes a explorar suas belezas naturais e histórias fascinantes. O Lago São Bernardo, um dos cartões-postais da cidade, oferece um cenário perfeito para caminhadas relaxantes e piqueniques à beira da água, cercado por árvores altas e flores coloridas que mudam com as estações, proporcionando uma nova experiência a cada visita.

Além de suas belezas naturais, São Francisco de Paula é um celeiro cultural, com festivais e eventos que celebram as tradições gaúchas, como danças folclóricas e música tradicional. A cidade também é conhecida por sua gastronomia autêntica, onde se pode saborear pratos típicos como o churrasco e o pinhão, colhido das araucárias locais. A hospitalidade dos moradores, combinada com o charme rústico da arquitetura colonial, cria uma atmosfera acolhedora e convidativa. São Francisco de Paula é um destino que oferece tranquilidade e inspiração, perfeito para aqueles que buscam uma conexão mais profunda com a natureza e a cultura sulista, tornando-se um ponto de parada obrigatório para quem explora a rota romântica do Rio Grande do Sul.

Canela

A localidade recebeu este nome por causa de uma caneleira, ponto de encontro dos tropeiros na região. Canela foi habitada na segunda metade do século XIX por portugueses e alemães. Seu núcleo inicial foi formado em 1903, por intermédio do Coronel João Ferreira Correa da Silva, que foi intendente de São Leopoldo e responsável pela extensão da estrada de ferro de Canela a Taquara.

Já no início do século XX, Canela se tornou um centro de veraneio com pousadas e hotéis, a maioria de propriedade de alemães ou de origem alemã.

Em 28 de dezembro de 1944, foi criado o município de Canela.

Canela, situada na encantadora Serra Gaúcha, é um destino que combina beleza natural e rica tradição cultural, atraindo visitantes de todas as partes do mundo. Fundada no final do século XIX, a cidade cresceu com a chegada de imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos, que deixaram uma marca indelével em sua arquitetura e cultura. Um dos ícones mais reconhecíveis de Canela é a majestosa Catedral de Pedra, uma obra-prima de arquitetura gótica que se destaca no centro da cidade, oferecendo um cenário deslumbrante para os visitantes que passeiam por suas ruas charmosas e bem cuidadas.

Além de sua arquitetura impressionante, Canela é famosa por suas maravilhas naturais. O Parque do Caracol, com sua imponente cascata de 131 metros, é um dos pontos turísticos mais visitados da região, proporcionando trilhas cênicas e vistas de tirar o fôlego. A cidade também oferece uma variedade de parques e reservas naturais, como o Parque da Ferradura, onde os visitantes podem apreciar a fauna e flora locais em meio a paisagens de canyons e florestas densas. Canela é um destino que promete aventura e tranquilidade, com atrações que agradam desde os amantes da natureza até aqueles interessados em história e cultura, criando uma experiência inesquecível para todos que têm o privilégio de visitá-la.





Gramado

Gramado possui presença alemã, italiana e portuguesa. Inicialmente, as terras de Gramado pertenciam a Tristão José Francisco de Oliveira, que construiu a primeira residência nessas terras. Os primeiros moradores do povoado se estabeleceram em 1875. Alemães e italianos chegaram após 1913. Gramado se emancipou de Taquara em 15 de dezembro de 1954.

Situada na Serra Gaúcha, Gramado é um dos destinos turísticos mais encantadores e visitados do Brasil, oferecendo uma experiência única que combina charme europeu com a hospitalidade brasileira. Fundada por imigrantes italianos e alemães, a cidade preserva a herança cultural dos colonizadores, refletida em sua arquitetura alpina, culinária e festivais tradicionais. Gramado é famosa por seu clima ameno e suas ruas cuidadosamente arborizadas, que criam um cenário pitoresco e acolhedor para visitantes de todas as idades. Caminhar por suas ruas é como se transportar para uma pequena vila europeia, repleta de lojinhas de artesanato, chocolaterias e cafés aconchegantes.

Um dos destaques de Gramado é o Natal Luz, um festival que transforma a cidade em um verdadeiro espetáculo de luzes e cores durante a temporada natalina, atraindo turistas de todo o mundo. Além disso, o Festival de Cinema de Gramado, um dos mais prestigiados do país, celebra a sétima arte com exposições e premiações que trazem à cidade grandes nomes do cinema nacional e internacional. Para os amantes da natureza, Gramado oferece atrações como o Lago Negro, um convite a passeios tranquilos de pedalinho. Com uma gastronomia rica, que vai desde o tradicional fondue até pratos típicos alemães e italianos, Gramado é um destino que encanta todos os sentidos e deixa memórias inesquecíveis em seus visitantes.







**Comemorações da
Rota Romântica
ao Bicentenário da
Imigração Alemã**



Associação Rota Romântica tem a sua formação definida como uma rota turística com cidades que possuem predominância na colonização alemã, constituída por municípios que seguem o mesmo trajeto realizado pelos primeiros imigrantes que desembarcaram em São Leopoldo, em 25 de julho de 1824.

Nestes 200 anos mantiveram-se preservados os costumes, a gastronomia, a cultura e, em especial, a língua falada ainda hoje por nossos habitantes. Mantiveram-se, também, inúmeros registros da história dos nossos antepassados e de toda a sua trajetória de muitos sacrifícios para tornar nossos municípios o que são hoje.

Comemorar o Bicentenário é honrar nossos antepassados que com tanta coragem desbravaram essa terra permitindo-nos transformá-la em nosso lar. A colonização alemã faz parte da nossa história, faz parte do que somos e do que construímos e estamos comemorando essa trajetória tão importante para o nosso povo com muito orgulho.

Já em dezembro de 2022, foi lançado o selo da Rota Romântica em comemoração ao Bicentenário da Imigração Alemã no Brasil, através de um concurso no qual foi escolhida a sugestão de Michele Kopper, de Ivoti.

Engajada nesse propósito, queremos mostrar para os munícipes e visitantes dos municípios que compõem a Rota Romântica, o legado deixado pela imigração.

Assim, foram programadas ações comemorativas em cada um dos 14 municípios que integram o roteiro da Rota Romântica, previstos para acontecerem de julho de 2023 até julho de 2024.

Porém, em detrimento da calamidade climática que assolou o solo gaúcho, algumas ações foram reagendadas e outras, infelizmente, não puderam ser realizadas.

Das quatorze ações previstas, 10 aconteceram e podem ser conferidas a seguir, como um registro histórico da mobilização dos municípios pela comemoração dessa data tão significativa para nós.

Viva o Bicentenário da Imigração Alemã no Brasil.

1824 – 2024



50º Festival Internacional de Folclore - Nova Petrópolis

*Lançamento das ações comemorativas e
Encontro e Desfile de Grupos Folclóricos
22 de julho de 2023*



Nova Petrópolis, sede da Rota Romântica, comemorou em 2023, o 50º aniversário de realização do “Festival Internacional de Folclore”.

O Palco da Diversidade recebe grupos de diversas partes do mundo para compartilhar as tradições e costumes.

No dia 22 de julho de 2023, abrindo os festejos das comemorações da Rota Romântica aos “200 Anos da Imigração Alemã no Brasil” e em homenagem muito especial aos 50 Anos de realização do Festival Internacional de Folclore, comemoração tão significativa para a cultura de Nova Petrópolis e presente em toda a região, foi realizado um grande desfile de grupos folclóricos, de todas as etnias presentes nos municípios que compõem a Rota Romântica.

Além do desfile, os grupos locais receberam os grupos convidados que fizeram suas apresentações em pontos de atrativos da cidade durante à tarde. Nova Petrópolis foi invadida pela cultura!

A abertura oficial das comemorações da Rota Romântica ao Bicentenário da Imigração Alemã aconteceu na mesma data, no Auditório da Sede Sicredi Pioneira, Rua 7 de Setembro, 374, com a participação de diversas autoridades, dentre as quais o Presidente da Comissão Oficial do Bicentenário do Governo do Estado, Sr. Rafael Gessinger.

Durante a cerimônia foi apresentada a identidade visual das comemorações, criadas por Leonardo Kehl, da Notory Agência de Publicidade.

À noite, um belíssimo desfile com os grupos convidados iluminou a avenida principal da cidade, com a presença dos seguintes grupos:

Associação Cultural Baumschneis Volkstanzgruppe de Dois Irmãos, sob a coordenação de Dirce Maria Sauzen.



Coro Etnias da Associação Etnias de Gramado, sob a coordenação de Polônia Cavallin;



Volkstanzgruppe Berghanschneiss de Ivoti, sob a coordenação de Rafael Luan Jahnel;



Loreley Volkstanzgruppe, de Linha Nova, sob a coordenação de Jackson Arend;



CTG Garrão da Serra de Morro Reuter sob a coordenação do Professor Júnior Prates;



Invernadas CTG Encosta da Serra, de Picada Café, sob coordenação de Anderson Cristiano Haack;



Os Aronianos, de Presidente Lucena, sob a coordenação de Carla dos Reis Prates;



Grupo de Danças Teewald de Santa Maria do Herval, sob a coordenação de Cristian Evaldo Stoffel;



CTG Amigos da Tradição Santa Maria do Herval, sob a coordenação de Anderson Cristiano Haack;



Grupo de Danças Laços da Tradição da EMEIEF Presidente Castelo Branco, de São Francisco de Paula, sob coordenação de Miriam Castelo Santos;



Grupo Folclórico Orestes Leite, de São Francisco de Paula, sob a coordenação de José Luís Lemes do Nascimento.



Ao final do desfile todos os grupos participaram do “Abraço do Folclore” em torno da Praça simbolizando a união entre todas as culturas.

PATROCÍNIO:  |  **Pioneira**
desde 1902

Kerb de São Miguel - Dois Irmãos

*Desfile de integração
01 de outubro de 2023*



O Kerb de São Miguel é a festa mais tradicional de Dois Irmãos e teve sua origem numa linda história de fé sob uma promessa feita pelos imigrantes a bordo do veleiro Santa Cecília. Enfim, chegados ao Brasil no dia 29 de Setembro de 1829 rumaram ao “Baumschneiss” que mais tarde seria denominada como Dois Irmãos. Honrando a promessa feita aos seus antepassados que construíram com fé e garra a cidade de Dois Irmãos, o Kerb de São Miguel ainda é comemorado todos os anos com muita alegria, família, religião e abundância, completando em 2023, os 194 anos de festejos.

O Kerb de São Miguel é uma festa muito significativa e na qual a Rota Romântica teve a honra de realizar a ação comemorativa ao Bicentenário de Imigração Alemã no Brasil.

Os municípios da Rota Romântica juntaram-se ao município de Dois Irmãos no tradicional desfile pelas ruas de Dois Irmãos, com a participação dos municípios de Ivoti, Morro Reuter, Santa Maria do Herval, Presidente Lucena, Linha Nova e Nova Petrópolis.











PATROCÍNIO:  |  Pioneira desde 1902

XVI Schmierfest – Presidente Lucena

Jogos germânicos do Bicentenário

11 de novembro de 2023



Presidente Lucena é conhecida como a “Capital da Schmier Colonial” devido a intensa produção de doces de cana de açúcar e de frutas e é o motivo da realização da tradicional Schmierfest. É evidente o crescimento e desenvolvimento da produção através do esforço coletivo de sua comunidade que mantém vivas as tradições e os hábitos de herança germânica.

E foi na Schmierfest que foi realizada a ação comemorativa da Rota Romântica ao Bicentenário da Imigração Alemã com a realização dos Jogos Germânicos.

Numa festiva e alegre tarde (após uma torrencial chuva) que as equipes representando os municípios de Presidente Lucena, Morro Reuter, Dois Irmãos e de Picada Café participaram dos jogos germânicos.

Entre as competições, as equipes disputaram o antigo jogo de cartas chamado de Schoff kopf, participaram de corrida de tamancos, corte de lenha, moagem da cana de açúcar e descasque da batata doce para a schmier, entre outras divertidas atividades.

A equipe campeã foi do município de Picada Café, liderada por Carlos Samuel Schorr.

A equipe de Presidente Lucena foi liderada por Marli Elaine Schmitt, Morro Reuter por Sônia Feldmann e Dois Irmãos por Cristiane Engelmann.









PATROCÍNIO:  | **Pioneira**
desde 1902

Natal em Cores e 1º Bier und Food Festival – Linha Nova

*Encontro de cervejarias
26 de novembro de 2023*



Linha Nova, como cidade Berço das Cervejarias do RS recebeu as cervejarias da Rota Romântica na ação comemorativa ao Bicentenário da Imigração Alemã, durante a realização do 3º Natal em Cores e do “1º Bier & Food Festival”.

Além da participação das cervejarias, a Universidade FEEVALE participou do evento com a realização de uma oficina de Drinks com cerveja. O professor Edemilson Rosa Pujol, acompanhado de seus graduandos, demonstraram a produção dos drinks onde o público e cervejeiros puderam aprender e degustar drinks especiais feitos com cerveja.

As cervejarias presentes no evento foram:

- Cervejaria Berço 1864 de Linha Nova;
- Quera Cervejaria de Linha Nova;
- Cervejaria Origem de Linha Nova;
- Cervejaria Hunsruck de Dois Irmãos;
- Immer Bier, de Dois Irmãos;
- Rótula Bier, de Ivoti;
- Cervejaria Edelbrau, de Nova Petrópolis
- Comparsa Etilica Vale 4, de Novo Hamburgo
- Cervejaria Faraó, de Picada Café;
- Wig’s Cervejaria, de Santa Maria do Herval











PATROCÍNIO:



APOIO:



Verão em Picada Café

Gincana Cultural do Bicentenário

24 de fevereiro de 2024



Durante o evento “Verão na Picada Café” os municípios da Rota Romântica participaram de uma Gincana Cultural, onde foram testados os conhecimentos e habilidades no cultivo das tradições, costumes, gastronomia e muita história das equipes.

Cada equipe foi desafiada a desvendar charadas, encontrar objetos, demonstrar destreza, entre outras atividades.

As equipes participantes da Gincana foram Dois Irmãos, Nova Petrópolis, Picada Café e Santa Maria do Herval, tendo como equipe campeã o município de Picada Café.



Equipe Vencedora da Gincana – Picada Café









PATROCÍNIO:



DEMAIS PATROCINADORES: Cresol; Pro Pé Calçados; Restaurante Tenda do Guri.

APOIADORES: Sicoob Maxi Crédito, Padaria Beija-Flor, Cervejaria Faraó, Jammer Bier, Posto dos Lírios, RBT Internet, Benoit, Joaneta Farma.

Páscoa em Ivoti

Caminho das Osterbaum

16 de março de 2024



O Osterbaum é um dos maiores símbolos da Páscoa para os alemães, juntamente com a tradição de pintar ovos com tinturas naturais. Sua origem é pagã, uma vez que a data coincide com a chegada da primavera no hemisfério norte. Tornou-se comum, então, colorir e enfeitar galhos de árvores para celebrar o fim do frio.

Em Ivoti, como uma cidade de colonização alemã, esta é uma das tradições que as famílias seguem até hoje.

Assim, a Páscoa de Ivoti reservou um momento muito especial para os municípios da Rota Romântica. O “Osterbaum”! Cada município recebeu a sua árvore para decorar e demonstrar suas origens e tradições. Em cada “Osterbaum” foi possível identificar o município a que pertencia, tal a dedicação em expressar a identidade de cada um.

Além de Ivoti, enfeitaram as suas Osterbaumms os municípios de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Estância Velha, Presidente Lucena, Dois Irmãos, Morro Reuter, Santa Maria do Herval, Nova Petrópolis, Gramado e São Francisco de Paula.





São Leopoldo



Novo Hamburgo



Estância Velha



Ivoti



Presidente Lucena



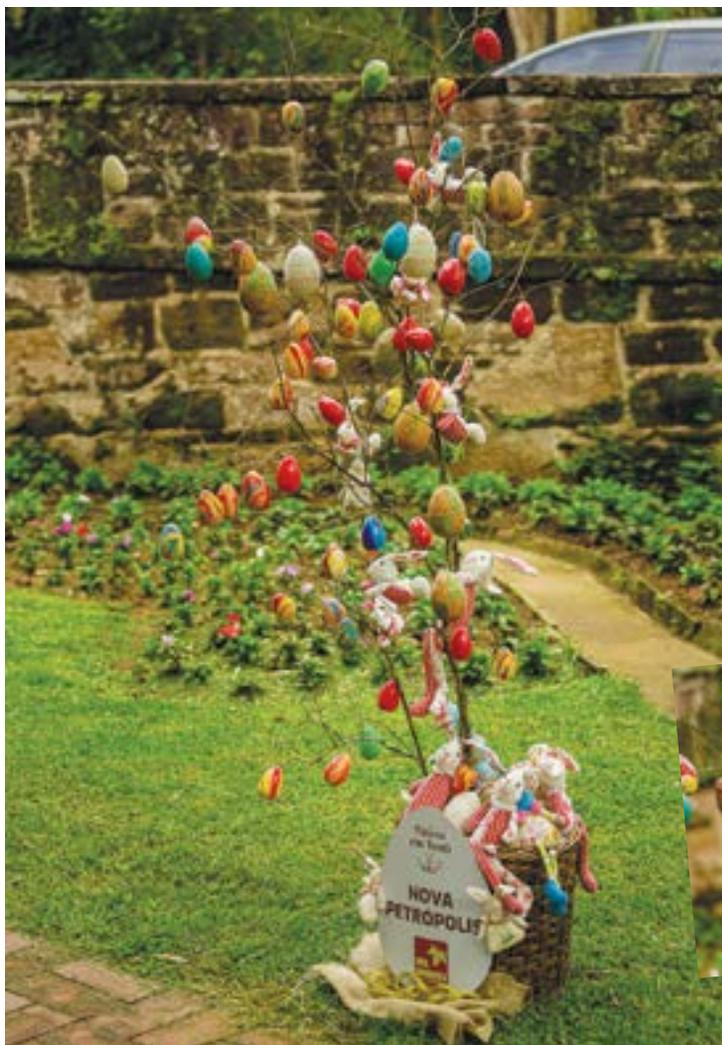
Dois Irmãos



Morro Reuter



Santa Maria do Herval



Nova Petrópolis



Gramado



São Francisco de Paula



Congresso do Bicentenário em São Leopoldo

26 de março de 2024



A cidade Berço da Imigração Alemã no Brasil, promoveu um Congresso para a celebração do Bicentenário de São Leopoldo e os 200 anos da imigração alemã, reunindo palestrantes renomados e delegações da Alemanha, assim como de outras nacionalidades com a comunidade local para discutir o passado e o presente, projetando o futuro.

A Associação Rota Romântica trouxe para a discussão as seguintes palestras que ocorreram no dia 26 de março de 2024.

A Dra. Uta Karrer, Antropóloga cultural e especialista em Museus - Feuchtwangen, Alemanha. Falou sobre o “Museu da Francônia em Feuchtwangen: Preservação e comunicação do patrimônio cultural”. Falou da importância de preservar documentos, objetos e histórias de quem nos antecedeu, mas também de preservar o que temos no presente, que um dia servirá como fonte histórica no futuro.

Klaus Lauck, Sociólogo, Presidente honorário dos Amigos Brasil-Alemanha de Saarland-Rio Grande Sul e estudioso de genealogia - Distrito de Sankt Wendel em Saarland, Alemanha. A palestra teve como tema “O que nos conecta em ambos os lados do oceano”, onde apresentou ligações que existem entre o Brasil e Alemanha e que passam despercebidas, além da forte ligação genealógica entre famílias da nossa região aqui no Rio Grande do Sul e no Estado de Saarland, de onde vieram inúmeros imigrantes.



Café da Colônia – Morro Reuter

Encontro de Corais

21 de julho de 2024



Regentes com Padre local, Cônsul Geral da Alemanha, Presidente a Rota Romântica e Prefeita de Morro Reuter.

O canto coral, legado dos nossos antepassados, foi enaltecido no Café da Colônia de Morro Reuter, num lindo Encontro de Corais dos municípios da Rota Romântica.

A programação iniciou com a celebração da Santa Missa em homenagem ao Bicentenário da Imigração Alemã, pelo Padre Luiz Pedro Wagner, com os cantos entoados pelo Coral da Comunidade Imaculada Conceição de Morro Reuter.

Após a celebração religiosa, aconteceram as apresentações dos corais:

Coral da Comunidade Imaculada Conceição de Morro Reuter

Regente: Nicolas Dapper – Músicas apresentadas: Lobet uns preiset - Sem autor e Bendita paz - Julio Cezar de Pinho Jr.



Coral Vida Saudável de Ivoti

Regente: Ane Maria Schmoekel – Músicas apresentadas: O amanhã colorido - Duca Leindecker - Arranjo: Newton Macedo - Adaptação: Ane Schmoekel e Xote da amizade - Mário Barbará - Arranjo: Newton Macedo



Coro Vozes de Gramado

Coordenação: Jane Pozzo – Músicas apresentadas: Sinfonia nº9 | 4º Movimento: An Die Freude - Ludwig Van Beethoven e Y Hoy Te Vi - Eduardo Mateo - Arr. Pablo Trindade.



Coral Santa Cecília de Dois Irmãos

Regente: Ademir Klauck – Músicas apresentadas: Ihr von Morgen - Música de Udo Jürgens - Texto de Michael Kunze - Arranjo de Peter Schnur e Lili Marleen - Compositor: Hans Leip - Arranjo de José Ronei Pehls



Tom de Mulher de Nova Petrópolis

Regente: Ademir Klauck – Músicas apresentadas: All My Loving/Schließ' die Augen - Música de Jonh Lennon/PaulMcCartney - Arranjo de Siegfried Macht e Mercedita - Ramón Sixto Ríos - Arranjo de Ademir Klauck



Gente que Canta de Novo Hamburgo

Regente: Arno Andrioli – Músicas apresentadas - Certos amigos - Daniel Lucena - Arranjo de Eusébio kohler e Te Quiero - Mario Benedetti e Alberto Favero - Arranjo de Liliana Cangiano



Madrigal Presto de São Leopoldo

Regente: João Paulo Sefrin – Músicas apresentadas: Agnus Dei - Hans Leo Hassler e Salmo 100 – Mendelssohn



Coro Municipal de São Francisco de Paula

Regente: GIOVANI COSTA – Músicas apresentadas: Desgarrados - Mário Barbará e Sérgio Napp - Arranjo de Manuel Figueiredo de Abreu e A Banda - Chico Buarque - Arranjo de Eduardo D. Carvalho



Ao final das apresentações o Músico Mauro Harff regeu o “Grande Coral” onde todos entoaram a Abschied Lied (Canção de Despedida): Nun Ade, Du Mein Lieb’ Heimatland - August Disselhoff, 1826-1903 – Westfälische Volksweise - Adaptação Musical – Mauro Harff/Caverá

Encerradas todas as apresentações os corralistas dirigiram-se ao salão da comunidade Imaculada Conceição onde saborearam um delicioso Café da Colônia.

Obs.: a ação em Morro Reuter estava prevista para ser realizada no dia 07 de julho de 2024, porém, em decorrência dos imensos prejuízos causados pelas chuvas em maio, tanto o evento Café da Colônia como a ação comemorativa ao Bicentenário precisaram ser prorrogados.

Escolha da Corte da Rota Romântica no Bicentenário – Gramado

31 de agosto de 2024



Na encantadora cidade de Gramado foi escolhida a Corte da Rota Romântica no Bicentenário da Imigração Alemã.

O evento de escolha aconteceu na Sociedade Ipiranga de Linha Nova, localidade do interior de Gramado.

Para concorrer ao título as candidatas tiveram que demonstrar o seu conhecimento sobre a história e cultura de seu próprio município, da Rota Romântica e da Imigração Alemã, além de terem que demonstrar facilidade de expressão, comunicação, simpatia e carisma.

A realização do evento foi da Associação Rota Romântica com a Vale TV.

Os apresentadores na noite da escolha foram Luis Fernando Rodembuch e Michele Ramazzini.

As Soberanas do Folclore Alemão de Nova Petrópolis, Ana Luiza Kuhn e as princesas Marluce Maldaner e Camila Carolina Schwaab foram eleitas a Corte da Rota Romântica no Bicentenário da Imigração Alemã.

A Escolha da Corte estava prevista para acontecer durante a realização da Festa da Colônia de Gramado, em maio, mas também foi cancelada devido as enchentes no Estado.



Participaram da escolha as cortes já eleitas em seus municípios:



Soberanas da Festa da Colônia de Gramado: Rainha Julia Brezzola Fritsch e Princesas Ana Paula Tomazi e Manuela Cavichion



Corte do Kerb de Morro Reuter: Rainha Lurdes Dieter Birck e Rei José Flávio Birck



Soberanas da Schmierfest de Presidente Lucena: Princesas Tainara Müllr e Taissa Daniele Zimmer Hansen



Soberanas do Folclore Alemão de Nova Petrópolis: Rainha Ana Luiza Kuhn e Princesas Marluce Maldaner e Camila Carolina Schwaab



Soberanas da Kartoffelfest de Santa Maria do Herval: Rainha Jordana Arnold e Princesas Sabrina Stein e Francielene Scholles Braun



Soberanas da São Leopoldo Fest de São Leopoldo: Rainha Andressa Prass e Princesas Nicole Budke e Eduarda Souza Nunes



As cortes candidatas passaram a tarde em Gramado conhecendo a cidade num lindo passeio com a Buss Tour da Brocker Turismo.

As cortes tiveram também um momento de preparação para sua apresentação e desfile que aconteceu à noite, com o ensaiador Akacio Camargo.

Foram jurados na escolha:

- Janaina Timm - Pesquisadora de Memória Social e Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura e integrante da Comissão Oficial das Comemorações ao Bicentenário do Governo do Estado do RS;
- Joel Leandro Willhelm – Deputado Estadual
- Heloisa Lopes – Vice-Presidente da Sicredi Pioneira
- Rene Wlach – Vice-Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha no RS
- Suzana Froehlich – Presidente do Centro Cultural 25 de Julho de Porto Alegre
- Sandro Blume – representando a FECCAB - Federação dos Centros de Cultura Alemã do Brasil, e escritor.
- Lizandra Chinali: Rainha da Festa da Uva 2024 de Caxias do Sul.

Apoio: Brocker Turismo/Gramado



Da esquerda para a direita: Rene Wlach, Suzana Froehlich, Lizandra Chinali, Terezinha Haas, Heloisa Lopes, Janaina Timm, Sandro Blume, Lilia Motta, Joel Leandro Wilhelm.



Rodrigo Steffen/Vale TV junto a Corte eleita.



Candidatas em passeio pela cidade

PATROCÍNIO:



Encontro de CTGs - São Francisco de Paula

01 de setembro de 2024



São Francisco de Paula é a nossa mais forte representação da cultura gaúcha que tão bem convive com a cultura alemã, onde o chimarrão está nas rodas de conversa e o churrasco nos almoços de domingos das famílias de descendência alemã.

A programação iniciou com o lançamento do livro Mulheres Serranas, obra escrita por 28 mulheres com histórias de vida, experiências e lembranças de mulheres serranas, seguido pela posse da Academia Serrana de Letras de São Francisco de Paula.



Escritoras do Livro Mulheres Serranas





Academia Serrana de Letras de São Francisco de Paula

Em seguida, aconteceu a programação cultural com a apresentação do Grupo de Danças Laços da Tradição da Escola Municipal Presidente Castelo Branco, do Grupo Folclórico Orestes Leite e do CTG Rodeio Serrano, que fez uma homenagem aos irmãos Bertussi, que foram pioneiros da música gaúcha bailável e a primeira dupla de acordeonistas a gravar discos em 1955.



Grupo de Danças Laços da Tradição



Grupo Folclórico Orestes Leite



CTG Rodeio Serrano





Homenagem aos Irmãos Bertussi

A Associação Rota Romântica também foi homenageada pelo Município de São Francisco de Paula pelo engajamento na comemoração do Bicentenário da Imigração.



Prefeito Marcos Aguzzolli e Presidente da Rota Romântica, Terezinha Haas



O encontro culminou com o show/baile com Eduardo Gomes e Gilney Bertussi.

Kartoffelfest – Festa da Batata – Santa Maria do Herval

Receitas com batatas

(evento previsto para maio de 2023 quando aconteceram as enchentes no RS)



Em Santa Maria do Herval, terra da Kartoffelfest – Festa da Batata, em 2024 estaria comemorando seus 25 anos. Porém, a poucas semanas do início do evento, o mesmo teve que ser cancelado devido à calamidade causada no nosso Estado devido às intensas chuvas.

O foco da comemoração ao Bicentenário em Santa Maria do Herval não poderia ser outro a não ser as receitas feitas com batata. E estava tudo pronto para a ação comemorativa que consistia na produção de receitas inscritas por pessoas das comunidades dos municípios da Rota Romântica que estariam mostrando como preparar essas delícias.

O evento, assim como a ação comemorativa não aconteceram, mas o livro com as receitas já estava impresso e faz parte do nosso acervo comemorativo ao Bicentenário. Uma das características do livro, é que todas as receitas estão traduzidas pela Professora Solange Hamester Johann, para a língua “Hunsrik”, língua ainda falada nas famílias e ensinada nas escolas municipais de Santa Maria do Herval.



Patrocinadores do livro: Weber Hortifruti, EverSom Filmes e Rota Romântica

As pessoas que inscreveram suas receitas constam abaixo com os respectivos municípios que representaram, acompanhadas dos nomes das receitas inscritas.

Roselaine Sander - Santa Maria do Herval – Receita de Pizza de batata

Nêmore Lais Meincke - São Leopoldo – Receitas de Biscoito ponte cultural e Knodel alemães filhos do Brasil

Miriam Brauwiers - Novo Hamburgo – Receita de Escondidinho de costela

Marlene Schneider - Dois Irmãos - Receitas de Escondidinho de atum e Salada de batata alemã

Michelle Petineli – Ivoti – Receitas de Muffin de batata com linguiça e queijo colonial e Tacos de batata

Bianca Somensi Zeni - Morro Reuter – Receita de Nhoque de batata da sorte

Nilia Lucia Kehl Lippert - Linha Nova – Receitas de Batata acebolada e Purê de batata saborizado

Maria Lourdes Hoffmann - Picada Café – Receita de Pão de Kartoffel

Eduardo Polese - Nova Petrópolis – Receita de Musseline de batata no sifão com lamina de bacalhau e pó de azeitona

Álvaro Francisco Koch – Gramado – Receitas de Batata assada no leite de coco com palmito e uva e Frittata

Tatiane Beatris Ayres - São Francisco de Paula – Receita de Batata rústica a moda Rancho

Além das receitas inscritas, no livro consta uma receita especial do município de Santa Maria do Herval: do tradicional Bolinho de batata, este, que segue abaixo:

Receita Especial da Kartoffelfest – Tradicional Bolinho de batatas

Ingredientes:

5 batatas grandes cruas, descascadas e raladas bem fino;
2 ovos batidos;
1 cebola picadinha;
3 colheres de farinha de trigo;
Sal e pimenta a gosto;
Temperos a gosto;
3 colheres de óleo.

Modo de preparo:

Em uma tigela grande, misture bem as batatas raladas cruas, os ovos, a cebola, a farinha, o sal e a pimenta.
Em uma frigideira grande, aqueça o óleo em fogo médio-alto.
Coloque 1 colherada da massa na frigideira, no formato do bolinho.
Frite por cerca de 4 minutos de cada lado, até dourarem.

- **Pequeno histórico da receita:**
- O Bolinho de Batata é o carro
- chefe na culinária de batata da
- Kartoffelfest de Santa Maria do
- Herval.
- O Bolinho é uma iguaria da
- culinária germânica no município,
- regionalmente conhecido e
- apreciado. A receita, repassada
- entre as gerações, não está presente
- somente no evento, mas também
- nos restaurantes, convívios
- familiares e datas especiais, como
- no Ano Novo, quando o Bolinho é
- servido com lentilhas.
- Falar de Santa Maria do Herval,
- também é falar do Bolinho
- de Batata, uma herança dos
- imigrantes.



AGRADECIMENTO

As ações comemorativas ao Bicentenário da Imigração Alemã, só foram possíveis graças ao apoio que a Rota Romântica recebeu dos municípios, e em especial da equipe de retaguarda que se dedicou ao máximo para que tudo ficasse lindo e digno dos 200 Anos de Imigração.

Equipe: Terezinha M. K. Haas, M. Cristina Boone, Fabiane C. Sehnem, Jaqueline Deimling, Vinícius Martins e Marcelo Farina (Fotos 50mm) e Cid Guedes.

A todos o nosso especial agradecimento pela dedicação ao trabalho realizado em todas as ações comemorativas!

Prefeitos dos municípios da Rota Romântica em 2024
Ano do Bicentenário da Imigração Alemã no Brasil



CONSTANTINO ORSOLINI
Prefeito Municipal de Canela



JERRI ADRIANI MENEGHETTI
Prefeito Municipal de Dois Irmãos



DIEGO WILLIAM FRANCISCO
Prefeito Municipal de Estância Velha



NESTOR TISSOT
Prefeito Municipal de Gramado



MARTIN CESAR KALKMANN
Prefeito Municipal de Ivoti



HENRIQUE PETRY
Prefeito Municipal Linha Nova



**CARLA CRISTINE WITTMANN
CHAMORRO**

Prefeita Municipal de Morro Reuter



JORGE DARLEI WOLF

Prefeito Municipal de Nova Petrópolis



FÁTIMA DAUDT

Prefeita Municipal de Novo Hamburgo



LUCIANO KLEIN

Prefeito Municipal de Picada Café



GILMAR FÜHR

Prefeito Municipal de Presidente Lucena



**MARA SUSANA SCHAUMLOEFFEL
STOFFEL**

Prefeita Municipal de Santa Maria do Herval



MARCOS ANDRÉ AGUZZOLLI

Prefeito Municipal de São Francisco de Paula



ARY JOSÉ VANAZZI

Prefeito Municipal de São Leopoldo

Imigração Alemã no Brasil e Cooperativismo: histórias que se entrelaçam

Em 25 de julho de 1824, os primeiros imigrantes alemães chegaram ao Rio Grande do Sul, marcando o início de uma nova era para a região. Passados 50 anos, já em 1874, ainda não haviam bons motivos para comemorarem o “Novo Mundo”. As condições de vida daqueles que aqui chegaram ainda eram calamitosas, com famílias espalhadas por entre “matos e picadas”, sem estruturas mínimas de saúde, trabalho e educação.

Foi neste momento que um fato novo mudaria o rumo dessa história até então catastrófica. Os navios começavam a trazer também intelectuais, pessoas com profissões como engenheiros, arquitetos, professores, padres e pastores. Nas inúmeras bagagens que traziam suas roupas, calçados, fotografias, livros e ferramentas, cabiam também sonhos e muito conhecimento. Entre estes, um modelo de organização econômico e social, com princípios e valores, já conhecido e praticado pelos agricultores do interior da Alemanha desde 1862: as cooperativas de crédito do Modelo Raiffeisen. O encontro deste modelo com as dificuldades enfrentadas por nossos antepassados foi o embrião para o surgimento da nossa cooperativa: a Sparkasse Amstad, que sob a liderança do padre Theodor Amstad – reconhecido desde 2019 como o Patrono do Cooperativismo Brasileiro – reuniu mais 19 imigrantes para que juntos pudessem construir uma comunidade melhor, por meio do trabalho e da educação,

Os imigrantes alemães que chegaram ao Brasil no século XIX estavam em busca de melhores condições de vida. Fugiam da pobreza, fome e instabilidade política na Europa, especialmente após eventos como o “ano sem verão” de 1816, que devastou colheitas e causou fome generalizada, e até mesmo impactos da revolução industrial que perduram até meados de 1850. Ao chegarem ao sul do Brasil, esses imigrantes esperavam encontrar terras férteis e oportunidades de trabalho que lhes permitissem reconstruir suas vidas.

Em meio a esse contexto de busca por uma vida melhor, surge a Sicredi Pioneira. Fundada em 1902 em Nova Petrópolis, RS, por iniciativa do padre suíço Theodor Amstad, a Sicredi Pioneira foi a primeira cooperativa de crédito da América Latina. Seu objetivo inicial era oferecer suporte financeiro aos imigrantes, promovendo o desenvolvimento econômico e social da comunidade.

Nas primeiras décadas, a Sicredi Pioneira desempenhou um papel crucial ao ajudar os imigrantes a se estabelecerem, fornecendo crédito para agricultura e pequenas empresas, ao mesmo tempo que apoiava as

comunidades na melhoria de escolas, hospitais e pontes. Com o tempo, a cooperativa expandiu suas operações, refletindo o crescimento das comunidades alemãs no Rio Grande do Sul. Esse crescimento conjunto fortaleceu tanto a cooperativa quanto as comunidades, criando uma relação simbiótica que perdura até hoje.

Outro ponto que merece destaque nesse entrelaçamento histórico são os costumes culturais. Os imigrantes alemães trouxeram consigo uma rica herança cultural que influenciou profundamente a região. Tradições como a arquitetura enxaimel, festas típicas e pratos como o “einsbein”, cuca e o bolinho de batata, sempre acompanhados de muita música e chope, se tornaram parte integrante da cultura local. Além disso, a ética de trabalho e a inovação dos imigrantes impulsionaram o desenvolvimento de indústrias locais, agricultura e comércio, contribuindo significativamente para a economia do estado.

Aliás, estas questões culturais e gastronômicas são tão relevantes para a matriz econômica e identidade cultural da nossa região que a Sicredi Pioneira continua a honrar os valores dos imigrantes, promovendo o desenvolvimento sustentável e comunitário. A preservação desse legado é evidente na atração de turistas interessados na história e cultura alemã, fortalecendo a economia local e mantendo viva a herança dos imigrantes. O turismo cultural, potencializado por inúmeros eventos da região, que destaca a música, dança, arquitetura, gastronomia, agricultura, o dialeto hunsrück, a religiosidade e as demais tradições alemãs, é um exemplo claro de como o legado dos imigrantes continua a influenciar a região.

Por fim, ao refletir sobre o legado dos imigrantes alemães, podemos afirmar que somos parte do legado dos imigrantes. Os valores e a visão dos pioneiros continuam a inspirar as gerações atuais e futuras. Encorajar as futuras gerações a manterem o espírito comunitário e visionário dos imigrantes é essencial para construir um legado relevante para o futuro. Os imigrantes adotaram o sul do Brasil como seu lar, com o objetivo de juntos construir comunidades melhores, e isso continua a ser nosso grande norte até os dias de hoje, e espero que possa seguir sendo o propósito de nossas futuras gerações.

Tiago Luiz Schmidt

Presidente do Conselho de Administração da Sicredi Pioneira

Patrocínio Master:



Weber Haus - Destilando história, sabor e inovação desde 1948

A história da Weber Haus começa em 1824, quando a família Weber migrou da região de Hunsrück, na Alemanha, para a Serra Gaúcha, no Brasil. Estabelecendo-se em Ivoti, no Lote 48, eles inicialmente plantavam batata inglesa para produzir schnaps. Em 1848, a família passou a cultivar cana-de-açúcar e, seguindo suas tradições, começou a destilar cachaça para consumo próprio.

A tradição da destilação cresceu ao longo das gerações, e em 1948 a família começou a comercializar sua cachaça com a marca Caninha Primavera. No entanto, em 2000, ao tentarem registrar a marca, descobriram que ela já estava registrada por outra empresa. Assim, nasceu a marca Weber Haus, uma homenagem às suas raízes alemãs.

Com coragem e determinação, a Weber Haus preserva a excelência na produção de cachaça e destilados premium, mantendo suas raízes familiares e o compromisso com a qualidade, representando o que há de mais autêntico na Serra Gaúcha e na Rota Romântica.



Uma Destilaria familiar completa

Com mais de 80 rótulos em seu portfólio, a Weber Haus é uma destilaria completa, oferecendo, além das reconhecidas e premiadas cachaças, linhas de gins, vodkas, runs, licores e bebidas mistas. Todos os seus produtos refletem a paixão da família Weber pelo que faz, assim como seu nítido comprometimento em produzir destilados excelentes, com qualidade premium e surpreendendo a cada gole.

A união da tradição com a inovação conferiu aos destilados Weber Haus um sabor autêntico e incomparável. Com 76 anos de história, destilando sabor e inovação, este é apenas o começo; ainda há muito a conquistar!

Compromisso com inovação e sustentabilidade

A inovação é um de seus grandes pilares, sempre prezando por alcançá-la de maneira totalmente sustentável. Seus produtos são 100% orgânicos, garantindo uma pureza incomparável.

Utilizando energia solar para reduzir a pegada de carbono, a destilaria também demonstra sua preocupação com as práticas sustentáveis, reciclando e reaproveitando seus resíduos, seja para adubo ou como combustível para a caldeira.

A Weber Haus inova com respeito à tradição, preservando o futuro.

Tradição e excelência reconhecidas internacionalmente

A qualidade Weber Haus é reconhecida no Brasil e no mundo. Os produtos somam mais de 180 prêmios em competições nacionais e internacionais, destacando-se como a cachaça mais premiada do Brasil. Exportando para mais de 30 países, sendo respeitados pela constante inovação, autenticidade e compromisso com a tradição.

Visite a Destilaria na Rota Romântica

Em nossas visitas guiadas, explore esta rica história, descubra cada etapa da produção dos nossos destilados e deguste nossas variedades. Venha vivenciar uma experiência única e enriquecedora na Rota Romântica.

A Weber Haus abre as portas da sua destilaria para visita do público todos os dias, incluindo sábados, domingos e feriados. Durante as visitas guiadas, você poderá descobrir a rica história da família, o processo de produção dos destilados e degustar uma variedade de produtos. Além disso, há uma loja onde todos os itens estão disponíveis para compra.

Situada na deslumbrante Rota Romântica, a destilaria oferece um passeio encantador em meio à beleza natural da Serra Gaúcha, próximo ao Núcleo de Casas Enxaimel de Ivoti. Venha vivenciar essa experiência única e aproveite para levar um pedaço da tradição da Weber Haus para casa!



Patrocínio:


**WEBER
HAUS**

O autor



FELIPE KUHN BRAUN, uma das referências sobre Imigração Alemã no Brasil. Vereador mais votado de Novo Hamburgo e Vale do Sinos. Jornalista, escritor, professor e autor de 31 livros. Felipe nasceu em Novo Hamburgo em 1987. Em 2001, ou seja, aos 14 anos, iniciou pesquisas sobre imigração alemã. É colaborador do Instituto de Estudos Históricos da Universidade de Mainz, na Alemanha. Faz parte do Grupo de Estudos de História sobre Brasil e Portugal, da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, na Argentina, entre outras atribuições junto às instituições regionais, nacionais e internacionais. Foi assessor de imprensa na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, onde atuou como diretor de Jornalismo durante a gestão 2014-2015. No Legislativo hamburguense, presidiu a Casa no ano de 2018. Autor de livros sobre a Imigração Alemã e a história de cidades, Felipe é presidente da Federação dos Centros de Cultura Alemã no Brasil (Feccab). Casado com Fernanda, é pai de Arthur.



ROTA ROMÂNTICA... Uma história que iniciou nos primórdios dos anos de 1824, quando aqui chegaram os primeiros imigrantes alemães.

Em suas bagagens trouxeram muito mais que sonhos e esperanças por uma vida melhor. Trouxeram as sementes de uma cultura marcante, que é o diferencial desta região.

Com base na cultura alemã, ergueram-se cidades com grande potencial turístico e econômico. Cidades que, agraciadas pela natureza, proporcionam um clima europeu nos meses frios e, nos meses mais quentes, passeios agradáveis com temperaturas amenas.

Constatando semelhança muito forte com as rotas turísticas da região da Baviera, na Alemanha, e do Vale do Loire, na França, cujas características são a combinação perfeita da natureza com a cultura, buscou-se nelas a inspiração para a concepção da Rota Romântica brasileira.

O “Projeto Rota Romântica” teve seu início entre o final de 1994 e o início de 1995, quando aconteceram os primeiros encontros entre os simpatizantes da ideia e representantes de alguns municípios da região.

A ideia inicial era a formação de uma rota com cidades de colonização, predominantemente alemã, e com tradição turística. Por isso, as cidades de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Ivoti, Dois Irmãos, Morro Reuter, Presidente Lucena, Picada Café, Nova Petrópolis, Gramado, Canela e São Francisco de Paula foram às escolhidas.

Na verdade, o “Projeto Rota Romântica” começou a tomar forma após a viagem de estudo e observação à “Romantische Strasse” da Alemanha, realizada de 16 a 29 de março de 1996. Uma delegação gaúcha foi conhecer “in loco” as circunstâncias, os meios, fatores e agentes produtores do turismo daquela região e colher subsídios para a implantação da rota no Estado.

Assim, em 22 de abril de 1996, surgiu oficialmente a Associação dos Municípios da Rota Romântica com a realização da primeira Assembleia Geral dos Municípios integrantes do projeto, em Dois Irmãos. E, em 14 de maio do mesmo ano, foram eleitos a primeira Diretoria e o Conselho Fiscal, tendo como Presidente, a Senhora Terezinha Marina Kuhn Haas, de Nova Petrópolis.

Com o sucesso da ideia, novos Municípios foram se aproximando e buscando a sua inclusão. O roteiro já teve sua expansão em 5 de março de 1997, quando os municípios de Estância Velha e Santa Maria do Herval foram incluídos, com a aprovação unânime dos demais Municípios já participantes.

Em 19 de novembro de 1997, a entidade obteve registro como pessoa jurídica de direito privado, constituindo-se, assim, formalmente em Associação com registro em todos os órgãos competentes.

Em 2006, a Diretoria visitou a Embaixada da Alemanha, em Brasília, e entregou ao Cônsul Geral da Alemanha, em Porto Alegre, o projeto referente a uma viagem técnica à Romantische Strasse, prevista para o ano seguinte, com o objetivo de estreitar os laços de cooperação com os órgãos oficiais representativos da Alemanha no Brasil.

Durante uma viagem técnica à Alemanha no período de 10 a 20 de outubro de 2007, aconteceu a assinatura da parceria oficial entre as rotas alemã e gaúcha. Esta parceria entre países e regiões turísticas já resultou em inúmeros intercâmbios culturais e econômicos entre as duas rotas, e tem como objetivo promover a integração, considerando-se a forte influência da colonização alemã no Estado e nos municípios componentes da Rota Romântica gaúcha.

Esta parceria foi consolidada com a visita oficial do Presidente da Rota Romântica Alemã, Senhor Jürgen Wünschenmeyer, em 2008 à Rota Romântica Gaúcha.

Ainda em 2007, o ponto de partida oficial da Rota Romântica foi marcado com a inauguração do Marco Zero, na cidade de São Leopoldo, às margens da Rodovia BR116, e que têm por objetivo orientar e informar os turistas em trânsito.

Em 2010, durante as comemorações dos 60 anos da “Romantische Strasse” na Alemanha, que ocorreu na cidade de Bad Mergentheim, o ponto alto foi a assinatura do Termo de Irmandade entre as cidades de Ivoti-RS-Brasil e a cidade de Rottenbuch-Alemanha, dando um importante passo para a integração dos dois roteiros turísticos. Neste evento comemorativo, uma comitiva gaúcha teve a oportunidade de mostrar nossa culinária, cultura e as belezas naturais da região.

A atual composição de municípios da Associação Rota Romântica foi definida em 25 de maio de 2012, com a concordância unânime de inclusão da cidade de Linha Nova, passando-se, assim, a um roteiro com 14 municípios, hoje assim constituído: São Leopoldo, Novo Hamburgo, Estância Velha, Ivoti, Dois Irmãos, Morro Reuter, Santa Maria do Herval, Presidente Lucena, Linha Nova, Picada Café, Nova Petrópolis, Gramado, Canela e São Francisco de Paula.

Em 18 de julho de 2022, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul sancionou a Lei nº 15.877, que instituiu oficialmente o Roteiro no Estado, projeto encaminhado pelo Deputado Elton José Weber.

Localizada entre a planície do Vale dos Sinos e o planalto da Serra Gaúcha, a importância da Rota Romântica é referenciada por todos os gestores públicos.

A Associação tem como foco principal, fomentar o turismo e a cultura através da preservação da cultura alemã, dos atrativos e peculiaridades de cada município, da língua, dos usos e costumes, da música e dos corais, da culinária, e acima de tudo da sempre louvada hospitalidade de seu povo.

Rota Romântica – Deixe-se levar pelo coração!





Sede da Rota Romântica

Avenida 15 de Novembro, 100

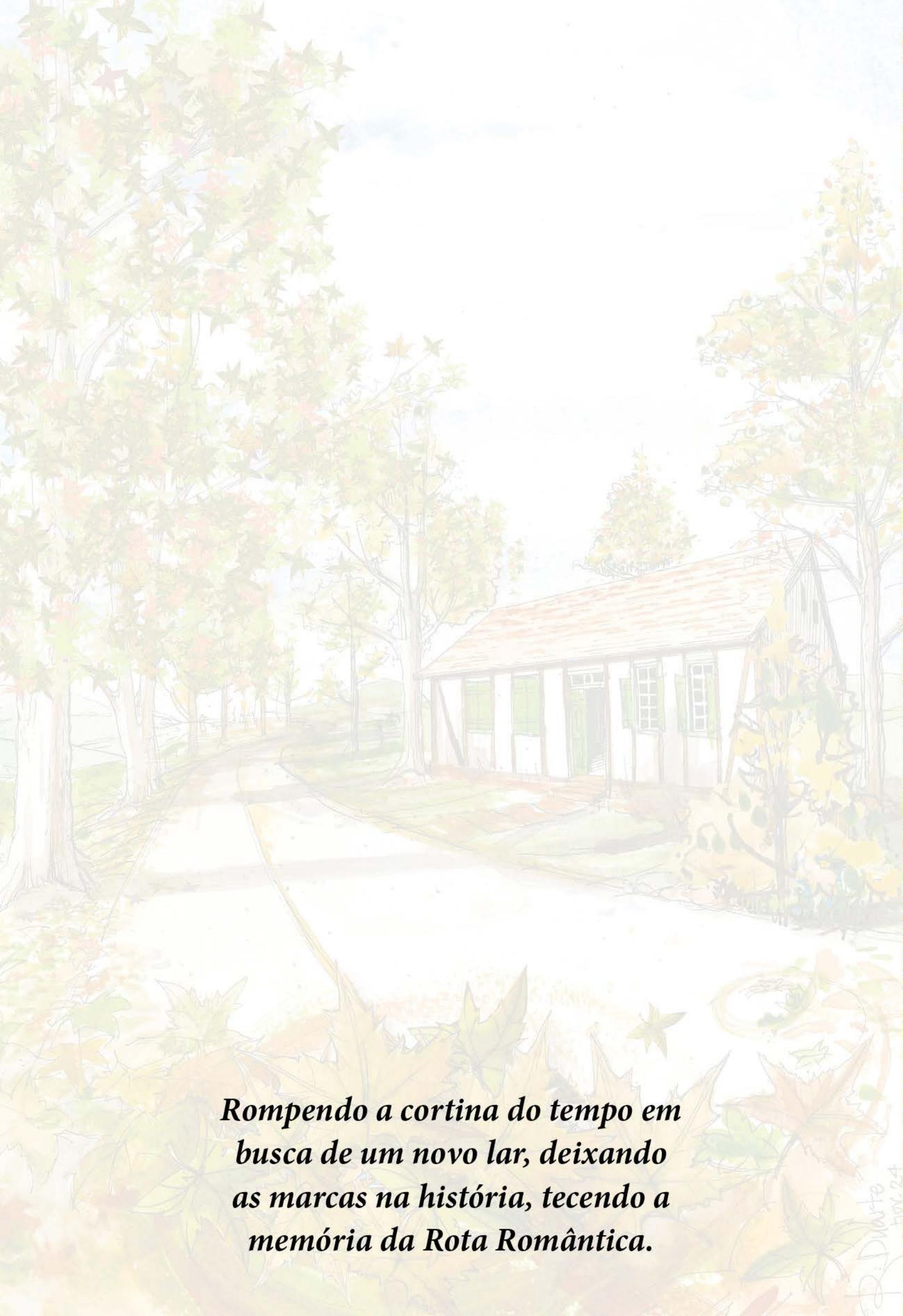
Centro - Nova Petrópolis/RS

Cep: 95150-000 - (54) 3281.4455

www.rotaromantica.com.br

contato@rotaromantica.com.br

facebook.com/rotaromantica.rs



*Rompendo a cortina do tempo em
busca de um novo lar, deixando
as marcas na história, tecendo a
memória da Rota Romântica.*

*Duarte
10/11/24*



R. Duarte
NOV. 24



A Associação Rota Romântica também tem seu papel nas comemorações dos 200 anos da Imigração Alemã no Brasil e, nesta obra, busca preservar seu legado e identidade, além de fortalecer o enlace entre a cultura, o turismo, a agricultura familiar e os diversos setores empresariais que movimentam a economia da região.

Saiba mais em: www.rotaromantica.com.br

